



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GEOGRAFIA

ARIELLA SILVA FERNANDES OLIVEIRA

ESPAÇO PÚBLICO E USOS CULTURAIS: a Praça Nauro Machado

SÃO LUÍS - MA
2019

ARIELLA SILVA FERNANDES OLIVEIRA

ESPAÇO PÚBLICO E USOS CULTURAIS: a Praça Nauro Machado

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Geografia, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Josoaldo Lima Rêgo.

SÃO LUÍS - MA
2019

ARIELLA SILVA FERNANDES OLIVEIRA

ESPAÇO PÚBLICO E USOS CULTURAIS: a Praça Nauro Machado

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Geografia, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Josoaldo Lima Rêgo (Orientador)
Universidade Federal Do Maranhão

Profa. Me. Paula Francinete Barros Bezerra
Universidade Federal Do Maranhão

Prof. Rafael Amador Barra
Universidade Federal Do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Ninguém caminha sozinho e algumas pessoas foram fundamentais para eu ter chegado até o final da graduação e conseguido realizar essa pesquisa.

Agradeço primeiramente aos meus pais pelo suporte nas minhas escolhas e apoio, inclusive durante a graduação, pois sem eles eu jamais teria a oportunidade de chegar até aqui.

Agradeço ao professor Josoaldo Lima, por todo ensinamento dentro de sala de aula e no grupo de pesquisa, pela orientação para o desenvolvimento desse trabalho que jamais seria possível sem ele.

A todos os alunos e professores do Núcleo de Pesquisa e Estudos Geográficos, por terem me recebido tão bem desde o primeiro dia, por todos os ensinamentos e colaborações para minha formação como profissional e pelas colaborações - mesmo que indiretamente - nesta pesquisa.

Agradeço, especialmente, à minha companheira Ester, por ter caminhado os primeiros passos deste trabalho comigo, pela ajuda com os materiais, pelas idas ao Centro, por ter acreditado em mim e nessa pesquisa como se pertencesse a ela. Esse trabalho não seria possível sem o apoio e a paciência dela durante todo esse processo, muito obrigada.

Ao meu amigo Marcos Paz, que me acompanha, me apoia e me entende desde o Ensino Médio. Muito obrigada pelo apoio e por todos os conselhos até aqui.

À minha amiga Tércila Duarte, pelas colaborações com o trabalho e pela amizade que tanto tem me ajudado. Aos meus amigos de infância, Renata, Pedro e Ana Paula, que não estão presentes fisicamente todos os dias, mas nem por um dia deixaram de me apoiar e acreditar nas minhas realizações.

Agradeço ao Mauro Chagas, pela ajuda fundamental durante a primeira etapa das pesquisas com os materiais na Biblioteca Benedito Leite.

Agradeço ao Gustavo Souza, meu amigo que nem sempre está presente fisicamente, mas sempre me apoiou nesse caminho dentro e fora da UFMA.

Agradeço ao pessoal do Criolina que, entre tantos compromissos, cedeu um espaço na agenda para colaborar com informações que foram essenciais para a pesquisa.

Ao professor Antônio Guimarães, membro da AMEI, pelas conversas e indicações de pesquisas tão importantes.

Obrigada a todos que perguntaram como estava o andamento da pesquisa, que prestaram palavras de apoio, ou seja, agradeço a todos que contribuíram diretamente e indiretamente para a realização desse trabalho.

Esse é o grande mistério das cidades: elas crescem e se modificam, guardando, porém, sua alma profunda apesar das transformações do seu conteúdo demográfico, econômico e da diversificação de suas pedras.

(Milton Santos)

RESUMO

Este trabalho possui objetivo de entender os usos do espaço da Praça Nauro Machado, desde antes da criação da praça. Busca compreender características de seus frequentadores, assim como a percepção da população do entorno sobre as manifestações culturais ocorridas no local. A praça Nauro Machado foi criada dentro do projeto de revitalização do centro histórico, que se iniciou pelo bairro da Praia Grande e cujo objetivo era recuperar e revalorizar a parte histórica de São Luís, melhorar a qualidade de vida para a população, requalificar o espaço para atividades turísticas e conseqüentemente atrair capital. A evolução dos usos do espaço é entendida quando se analisa o crescimento de São Luís, a partir do centro histórico. Com a revitalização do bairro, o espaço passou pelo processo de gentrificação, em que alguns grupos sociais foram afastados da área, com o discurso de “torná-lo um espaço para todos”. A praça Nauro Machado hoje é um dos principais pontos atrativos do centro histórico, espaço de encontro frequentado por um público diversificado e palco de manifestações culturais.

Palavras-chave: Espaço Público. Cultura. Praça Nauro Machado. Patrimônio.

ABSTRACT

This work intends to understand the usages of Nauro Machado Square's space since its foundation. It seeks to comprehend its frequenters' features as well as the perception of its surrounding's population about cultural expressions that take place at the square. Nauro Machado Square was built within Centro Histórico's revitalization project, that was started at Praia Grande neighborhood with the purpose of recovering and reevaluating the historical part of São Luís, improving population's quality of life, requalifying the space for touristic activities and accordingly drawing currency. The evolution of space usage is understood when São Luís city growth is analyzed, starting from Centro Histórico. With the district's revitalization the space went through a gentrification process, in which some social groups were excluded from the area based on the averment of "turn the neighborhood a place for everybody". Nauro Machado Square, nowadays, is one of the main appealing points of Centro Histórico, space that is a meeting point for a diverse public and stage for cultural expressions.

Key-words: Public Space, Culture, Nauro Machado Square, Cultural Heritage

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** - Jornal O Estado do Maranhão, junho de 1977
- Figura 2** - Coluna do jornalista Américo Azevedo no jornal O Estado do Maranhão, 1987.
- Figura 3** - São Luís, vista aérea, 1974-08.
- Figura 4** - Rua Portugal em 1945.
- Figura 5** - Rua Portugal, 1945, uma das principais ruas comerciais do centro de São Luís.
- Figura 6** - Foto de 1977/1978 vista das embarcações nas proximidades do atual cais da Praia Grande, ao fundo os casarões.
- Figura 7** - Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, 1950.
- Figura 8** - Local onde se encontrava a sede da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, resistindo apenas à construção onde funcionavam galpões e a Alfândega. Foto de Pedro G. Pinto, 1950.
- Figura 9** - Ruínas da sede do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, 1950
- Figura 10** - Entorno da atual Praça Nauro Machado, em 1966.
- Figura 11** - Entornos da sede da companhia Grão – Pará Maranhão (1945).
- Figura 12** - Resultado da primeira obra realizada, mas foi demolida a pedido do Governador Cafeteira. Ainda não possuía o nome de Nauro Machado. Única foto dessa obra, resultante de um cartão postal feito pelo professor Antônio Guimarães para um amigo, hoje esse único cartão postal se encontra a venda em um site de vendas.
- Figura 13** - Foto do ano de 2015, ano da última reforma da Praça.
- Figura 14** – Festival BR-135, vista aérea da praça Nauro Machado durante o festival. Foto de TrackMotion
- Figura 15** – Praça ocupada durante o período junino
- Figura 16** – Praça ocupada durante o período junino. Palco montado no centro da praça.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NEGO – Núcleo de Estudos Geográficos

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ZPH - Zona de Preservação Histórica

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

PPRCHSL - Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís

CEPRAMA - Centro de Comercialização de Artesanato e Cultura Popular

CINTRA – Centro Integrado de Ensino

UNIVIMA - Universidade Virtual do Estado do Maranhão

WAPA - World Association of Performing Arts

CID - Council Internacional Dance

SECTUR - Secretaria de Cultura e Turismo do Estado

SEDIHPOP - Secretaria de Direitos Humanos e Participação Popular

DAC - Departamento de Assuntos Culturais

VOS – Voluntariado de Obras Sociais

WAPA - World Association of Performing Arts

SECTUR - Secretaria de Cultura e Turismo do Estado

FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos

SEPLAN - Secretaria de Planejamento e Orçamento

SECTUR - Secretaria de Cultura e Turismo do Estado

SEDIHPOP - Secretaria de Direitos Humanos e Participação Popular

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PERCURSOS METODOLÓGICOS	17
2.1 O universo da pesquisa	17
3 A CIDADE E O MEIO URBANO	21
4 O ESPAÇO GEOGRÁFICO E O ESPAÇO PÚBLICO	23
5 A GEOGRAFIA CULTURAL E OUTRAS ABORDAGENS.....	26
5.1 Outras abordagens sobre cultura.....	28
5.2 Manifestações culturais, festas e a sua ocupação do espaço	29
6 A PRAÇA E SEU PAPEL NA CIDADE	32
6.1 Ágora	32
6.2 Fórum Romano	32
6.3 Praça Medieval	33
6.4 Praça Maior.....	33
6.5 Praça de Armas.....	34
6.6 Praça Renascentista.....	34
6.7 Praça Barroca	35
6.8 A Praça no Brasil.....	35
7 O CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL.....	38
7.1 A revitalização do Centro Histórico.....	39
8 O PROGRAMA DE PRESERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS – PPRCHSL	42
8.1 A execução do Programa de Proteção e Revitalização do Centro Histórico de São Luís.....	46
8.2 A Primeira Etapa.....	48
8.3 A Segunda Etapa	50
8.4 A Terceira Etapa	50

8.5 A Quarta Etapa.....	52
8.6 A Quinta Etapa	52
8.7 A Sexta Etapa.....	53
9 A PRAÇA NAURO MACHADO	54
Festival de Folclore e Turismo acontece em São Luís.....	62
10 ANÁLISE DE DADOS COLETADOS SOBRE A PRAÇA NAURO MACHADO	64
10.1 Questionário aplicado com a população de São Luís e frequentadores da Praça Nauro Machado e do entorno do Centro Histórico	64
10.2 Entrevista com produtora cultural	92
11 CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS	98

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido a partir do Projeto de Extensão “Memória, Paisagem e Cidade - Mapas e Trajetórias Artísticas Contemporâneas em São Luís”, sob a coordenação do professor doutor Josoaldo Lima Rêgo, dentro do Núcleo de Estudos Geográficos – NEGO, do Curso de Geografia da Universidade Federal do Maranhão.

A pesquisa deste trabalho surgiu de uma inquietação a respeito dos espaços públicos da cidade, bem como a utilização desses, quem são os sujeitos que os utilizam e as atividades culturais desenvolvidas no Centro Histórico da cidade de São Luís.

Na Geografia, as produções acadêmicas sobre espaços públicos são muito poucas, a temática é comumente debatida em outras ciências, principalmente na área de Arquitetura. Partindo desse pressuposto, essa escassez de pesquisa sobre espaços públicos se tornou mais uma razão para abordar esse tema.

Este trabalho tem como objeto de estudo central a Praça Nauro Machado, analisando as transformações do espaço desde antes de sua criação até hoje. Analisa também seus atuais usos, os movimentos e as atividades culturais realizadas nesse espaço.

Dentro das produções acadêmicas a respeito do espaço público, olhar geograficamente para o espaço público nos permite analisar por diferentes perspectivas e entender o processo de gentrificação ocorrido na área e suas consequências.

Debater sobre a importância e a necessidade de ocupar esses espaços com atividades culturais que realmente sejam incluídas e acessíveis a todos, além de agregar para o valor social do espaço. Para entender os espaços públicos do meio urbano histórico de São Luís, faz-se necessário entender a história da cidade.

Os primeiros habitantes da ilha de Maranhão foram os índios Tupinambás, seminômades, cujos possuíam o ritual de guerrear com outros grupos indígenas com o objetivo de conquistar o espírito guerreiro do outro e de seus ancestrais. Viviam de pesca e caça, plantio de batata doce e mandioca, os alimentos eram divididos em partes iguais entre todos, organizavam-se em aldeias que possuíam grandes ocas que abrigavam diversas famílias. Chamavam a ilha de Upaon-açu que, em português, significa Ilha Grande. De acordo com a obra de Martins (2012), as aldeias possuíam de 200 a 600 habitantes e eram estruturadas com uma praça central.

Conforme o padre francês Claude D’Abbeville, existiam na Ilha 12.000 índios tupinambás, distribuídos em 27 aldeias, cinco próximas ao Forte São Luís:

Juniparão, Janovarem, Timbó, Igapó e Pedras Verdes, que desapareceram já no século XVII. (MARTINS, 2012, p. 21).

No ano de 1612, Daniel de La Touche, Sieur de La Ravardière e o sócio François de Razily, tenentes gerais de Luís XIII de França, tomaram a ilha com a ajuda dos índios tupinambás, sendo a única capital fundada por franceses. Com o objetivo de implantar a França Equinocial, na data de 8 de Setembro, fundaram a vila e o forte de São Luís, em homenagem ao Rei Santo, Luís IX.

Três anos após, em 1615, os portugueses comandados por Jerônimo de Albuquerque, expulsaram os franceses. Reassumindo a ocupação do território. O engenheiro militar Francisco Frias de Mesquita ficou responsável por traçar um plano urbanístico da cidade. Assim é retratada a fundação de São Luís, mas de acordo com Lacroix (2012) a fundação de São Luís não se remete aos franceses.

Muitas obras, baseadas na narrativa de Abbeville, registram a passagem francesa, como presença ilegítima, em razão da ação de “piratas” e “invasores”. A primeira crônica está contida na *Jornada do Maranhão*, de presumida autoria do português Diogo de Campos Moreno, descrição minuciosa da expulsão daquele adversário. Em 1624, Simão Estácio da Silveira deu suas impressões: “*Estes franceses... que vinham a estas barras de suas pilhagens, e tinham aqui uma ladroeira onde espalmavam e breavam com a almécega da terra, que também como o breu serve.*”. (LACROIX, 2012, p. 56, grifo do autor).

A presença dos portugueses remete há muito tempo antes da história oficial. De acordo com Andrés (2012), no ano de 1535, os portugueses sobreviventes de um naufrágio nas proximidades da costa, conseguiram chegar à ilha de Upaon Açú e fundaram o povoado Nazaré. Não existem informações a respeito da localização exata do povoado.

Gaioso, referindo-se à reintegração do Maranhão pelos portugueses classifica os franceses como intrusos dominadores e, sobre a fundação da cidade, afirma: “*Livre o Maranhão n'aquelle dia de toda a sugeição francesa, applicou Jerônimo de Albuquerque todo o seu cuidado na fundação de huma cidade n'aquelle mesmo sítio; dentro de pouco tempo adiantou consideravelmente a povoação.*”. (LACROIX, 2012, p. 56, grifo do autor).

Não existia nenhum registro em livros, jornais ou qualquer documento até 1896, que ligasse a data de 8 de setembro como data de fundação de São Luís. O rei santo homenageado que nomeia a cidade, Luís IX, foi canonizado antes do descobrimento do Brasil e não homenageando a Luís XIII. Lacroix (2012) cita obra de César Marques que também afirmava a fundação de São Luís pelos portugueses, para reafirmar a fundação de São Luís pelos portugueses:

Jerônimo de Albuquerque, inteiramente senhor de suas ações e livre dos cuidados inerentes à guerra, aplicou-se à fundação da cidade, hoje de São Luís, como lhe fora recomendado pela Côrte de Madrid.

Dentro de pouco tempo por seu zêlo e atividade pôde adiantar tanto a povoação “que reduzida a regular forma de república, na frase de Berredo, debaixo da proteção soberana de Maria Santíssima com o augusto título de Vitória, que já lhe tinha decretado no feliz lugar de Guaxenduba, lhe declarou à invocação de São Luís.” (MARQUES, 1970, apud LACROIX, 2012, p. 57).

Os franceses possuíram o título de fundadores de São Luís devido a realizarem os rituais litúrgicos de fundação que incluem: a missa, cerimônias e rituais. A respeito disso, Lisboa (1901), citado por Lacroix (2012, p. 57), diz: “João Francisco Lisboa, comparando as invasões francesa e holandesa, observou que ‘a franceza é apenas conhecida dos homens de letras, e, como a holandesa, não vive na memória do povo.’”.

O plano urbano determinado por Francisco Frias era no formato de quadras regulares e ruas ortogonais no sentido dos pontos cardeais. Essa formação se tornou um modelo para a expansão local. A cidade era dividida em: Cidade Alta – administrativa, militar e religiosa; Cidade Baixa – marinheira e comercial. Segundo Andrés (2014, p. 43) “De toda forma, a cidade confirmava o modelo de assentamento adotado pelos colonizadores portugueses... Associadas à tipologia dominante das edificações surgidas mais tarde, a partir do final do século XVIII, conferem a São Luís sua forte conotação lusitana.”.

No ano de 1619, chegaram os primeiros açorianos a ilha, fundando a Primeira Câmara Municipal e desenvolvendo culturas de cana-de-açúcar e algodão. Dois anos depois, em 1621, a Coroa Portuguesa cria o Estado do Maranhão com sede em São Luís e possuindo administração separada do Brasil.

Em 1641, menos de três décadas depois, o Maranhão foi invadido por holandeses, comandados por Maurício de Nassau que, a partir de Recife, chegaram a São Luís. Os holandeses foram expulsos menos de três anos depois. “Embora descrita como violenta e destrutiva, devemos à ocupação holandesa o único registro gráfico do que teria sido o projeto de Frias de Mesquita, cuja traçada original também jamais foi encontrada.” (ANDRÉS, 2014, p. 43).

O projeto pertencente ao engenheiro Frias de Mesquita foi decisivo para o crescimento da cidade - que com áreas que só se tornaram consolidadas muitos anos depois - ainda possibilitou (o projeto) ver traços do que ele desenhou por volta de 1615, como as ruas estreitas que possuem entre sete a dez metros de largura e quadras com dimensões de no máximo 80x80 metros. Essas características ainda são visíveis pelo Centro Histórico da cidade.

O algodão produzido no Maranhão ganhou valor no mercado internacional devido às Guerras de Independência dos Estados Unidos da América do Norte, ocorridas em 1776 e 1816, e a Guerra de Secessão, em 1861, que desorganizaram a importação.

De acordo com Andrés (2014, p. 44) “Grande parte das riquezas oriundas das extensões pastoris dos sertões escoava-se pelo porto, este reunia, portanto, as vantagens de ser capital, sede administrativa e entreposto comercial, produzindo-se aí as maiores e mais expressivas manifestações de urbanidade.”.

Com o crescimento do comércio na cidade, principalmente com a exportação de algodão e do trabalho escravo, foi necessária a construção de casas com os mesmos padrões de Lisboa para os comerciantes que aqui se instalaram. Afirma Andrés (2014, p. 44) “... e veio daí a necessidade de construir, em São Luís, um ambiente urbano capaz de reproduzir padrões de conforto aos quais seus proprietários estavam acostumados nas cidades europeias.”.

Os responsáveis pelas obras eram construtores vindos de Lisboa e Porto. Os materiais utilizados nas obras eram importados (azulejos, serralherias, cantarias, entre outros) e devido a grande demanda de obras, algumas estruturas como balcões e vergas, eram fabricadas em quantidades elevadas o que acabou gerando uma padronização e uma repetição dos elementos das edificações.

Em meados de 1835, São Luís foi eleita a quarta cidade mais importante do império, acompanhada por Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Eram ressaltados a sua arquitetura, organização, paisagem e a limpeza. Décadas depois, a evolução de São Luís se deu de forma bem rápida. Além do crescente número de habitantes, a cidade começou a receber mais companhias, o que nos permite ver em como o centro da cidade, sempre teve usos econômicos intensos.

Em 1863 é instalado em São Luís, pela Companhia de Iluminação a Gás do Maranhão, um sistema que passou a utilizar gás hidrogênio por tubulação em cobre. Foi instalado um sistema de telefonia no final do século XIX, e também um cabo telegráfico submarino ligando diretamente São Luís a Inglaterra, que era operado pela empresa Western. Em 1868, o sistema de transporte foi instalado, os bondes, que inicialmente eram usados animais, cavalos e burros. O Centro Histórico possui 270 hectares e 5500 edificações. Em 1979, por iniciativa do Governo do Estado do Maranhão, em parceria com IPHAN e Prefeitura de São Luís, implementa-se um Programa de revitalização do Centro Histórico com obras de restauração e inserção de novos elementos na malha urbana do bairro. O programa e suas consequências serão debatidos ao longo do trabalho.

2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a metodologia é o estudo da organização e dos caminhos a serem percorridos, para que uma pesquisa ou um estudo possa ser realizado, bem como para se “fazer” ciência. Significa, etimologicamente, o estudo dos caminhos e dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

2.1 O universo da pesquisa

As pesquisas que resultaram neste trabalho foram realizadas no período de 1 (um) ano (Junho 2018 – Junho 2019) e foram divididas em três etapas. A primeira etapa caracterizou-se por delimitar o tema a ser abordado e por buscar referências bibliográficas. A pesquisa, de cunho bibliográfico e documental, foi essencial para o desenvolvimento desta etapa.

A pesquisa bibliográfica foi realizada para a construção das fundamentações teóricas, para a base da elaboração do projeto. Na construção da fundamentação teórica alguns autores foram importantes para entender alguns conceitos que são base para a discussão desse trabalho.

Antes de entrar nas discussões sobre espaços públicos foi discutido a cidade e o meio urbano por meio de alguns estudiosos como David Harvey (1973) que diz que a cidade é “um sistema dinâmico-complexo no qual a forma espacial e o processo social estão em contínua interação” (p. 24).

Os estudos de Milton Santos contribuíram para as discussões relacionadas ao espaço. Milton Santos (1997) diz que espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos, não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários.

Nas discussões sobre espaço público um dos estudos utilizados foi o do Paulo César Gomes (2012) que faz uma classificação dos espaços públicos, diferenciando os espaços de livre acesso dos espaços públicos, entendendo as complexidades do espaço. Na construção das discussões a respeito da cultura e suas manifestações foi buscada referências dentro da geografia que trabalhassem com cultura. Ratzel foi um dos primeiros geógrafos a estudar a cultura em relação a geografia e além de ser um dos percussores dessa linha de estudo que a denominou de antropogeografia, foi o primeiro a utilizar o termo geografia cultural. Bennati (2016) diz que no seu entender a

antropogeografia buscava, sobretudo, analisar as influências da natureza sobre os indivíduos e descrever as áreas que os homens ocupavam sobre a superfície terrestre. Também foram buscadas referências na antropologia para aprofundar as discussões a respeito do tema e como resultado foi utilizado os estudos de Godoy e Santos (2014) que dizem que as culturas são organizadas por meio de sistemas ou códigos de significação, que dão sentido às nossas e às demais ações. Em virtude disso, qualquer que seja a ação ou prática social, ela é cultural, pois expressa ou comunica significados e, por isso, é prática de significação.

Para entender manifestações culturais e as festas, foram utilizados além de estudos geográficos, estudos das ciências sociais e filosóficos. Em sua maioria os estudos relacionados às festas são realizados na filosofia.

As manifestações culturais e as festas foram analisadas desde seu princípio, como aconteciam ao longo da história, como acontecem hoje e qual sua relação com o espaço onde ocorrem. Godoy e Santos (2014) dizem que as festas são a manifestação cultural de um povo. Muitas das manifestações culturais são integrantes da cultura de um povo. Godoy e Santos (2014) citam a respeito da preservação da cultura que na medida em que cada cultura exprime um modo único de ser do homem, ela tem o direito à estima e à proteção, se estiver ameaçada.

Os estudos do De Angelis, foram a principal fonte para os estudos das praças. Os estudos do De Angelis abordam as praças desde sua origem até suas complexidades. De Angelis (2005) cita em sua obra que a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas.

Nas discussões sobre o centro histórico de São Luís a principal referência foi o Andrés (2012) que era o coordenador do projeto de revitalização do centro histórico de São Luís. Andrés em sua obra aborda as etapas do programa e suas principais obras e o cenário do centro antes do projeto e a situação do centro após as reformas.

A consulta em livros, artigos, teses de mestrado e doutorado, revistas eletrônicas, foram os responsáveis pela base do trabalho.

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém

pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32, Gerhardt e Silveira, 2009, p. 37).

Na segunda etapa foi realizada a pesquisa documental no acervo de jornais das décadas de 60 a 80, na Biblioteca Benedito Leite, onde foram analisados os jornais do Estado do Maranhão e O Jornal Pequeno em busca de matérias que falassem a respeito do Centro Histórico de São Luís antes e durante a revitalização do centro histórico. Foram utilizadas no trabalho as matérias do jornal O Estado do Maranhão das décadas de 60 e 70.

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas.

A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32, Gerhardt e Silveira, 2009, p. 37).

A terceira e última etapa consistiu em realizar uma pesquisa de levantamento de dados a respeito da Praça Nauro Machado. Através de questionários aplicados com os frequentadores e população do entorno foi possível entender quem frequenta a praça e as razões pelas quais é frequentada, além da visão por parte da população diante da praça e as atividades culturais que ocorrem no espaço da Praça Nauro Machado.

O questionário foi divulgado virtualmente para pessoas que possivelmente frequentam o centro histórico e a praça Nauro Machado e aplicado presencialmente com a população que trabalha no entorno da praça e com os frequentadores.

“Entre as vantagens dos levantamentos, temos o conhecimento direto da realidade, economia e rapidez, e obtenção de dados agrupados em tabelas que possibilitam uma riqueza na análise estatística.” (Gerhardt e Silveira, 2009, p. 38).

Foi realizada também uma entrevista com uma das produtoras do Festival BR-135.
¹Com a entrevista foi possível entender a dinâmica das produções culturais no Centro Histórico e na praça, e como ocorreu o processo de escolha da Praça Nauro Machado para a realização do evento. “A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite

¹ O festival BR-135 é um festival de música realizado há 7 anos na praça Nauro Machado, geralmente no segundo semestre. Além de shows, acontecem atividades formativas e de negócios relacionados a música e arte.

recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.” (FONSECA, 2002, GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Foram utilizadas diferentes tipos de pesquisas para a construção do trabalho. A diversidade destas e dos materiais consultados contribuiu para uma pesquisa ampla que permitiu agregar um olhar geográfico para o espaço público e suas complexidades.

3 A CIDADE E O MEIO URBANO

A partir do século XIX, com as mudanças causadas pela revolução industrial, vários estudiosos começaram a tentar entender e conceituar a cidade. Marx e Engels, na *Ideologia Alemã* (1984), entendem cidade como “a realidade de concentração da população, de instrumentos de produção, dos prazeres e das necessidades” sendo o campo, o meio rural, o oposto disso.

O geógrafo Friedrich Ratzel, na sua obra *Antropogeografia* (1891), conceitua a cidade como algo concreto, como uma “reunião durável de homens e habitações humanas, cobrindo uma grande superfície e situada nos cruzamentos das grandes vias comerciais”. Percebe-se que a cidade é vista principalmente como um centro econômico, centro de acumulação e principalmente como oposto do campo. Ainda tratada de maneira positiva e concreta.

Max Weber (1921) conceitua cidade como uma comunidade urbana e como “um habitat concentrado, uma grande localidade”. E economicamente falando, “Uma aglomeração cuja maior parte dos habitantes vive da indústria e do comércio, e não da agricultura”. Weber entende a cidade também como uma área de concentração, seja de pessoas ou de produção; analisa também as atividades da população.

O historiador Lewis Mumford, no livro *A Cultura das Cidades* (1938), elabora três conceitos para entender a cidade:

1. “Ponto de concentração máxima do poderio e da cultura da comunidade” (p. 11);
2. “Um lugar onde se concentra herança social, e onde as possibilidades de intercâmbio social contínuo e de interação elevam a um potencial mais alto as atividades do homem” (I: p. 270);
3. “Um plexo geográfico, uma organização econômica, um processo institucional, um teatro de ação social e um símbolo estético de unidade coletiva” (II: p. 433).

Mumford, além de analisar a acumulação, destaca-se também por abordar a interação e o intercâmbio social, e, a herança e a temporalidade das cidades. O geógrafo Pierre (1952) George, no seu livro “*La Ville*” diz que a cidade é “um fato histórico e um fato geográfico, na medida em que sua forma seria um compromisso entre o seu passado e o presente, enquanto o

seu conteúdo humano e a atividade de seus habitantes seriam marcados pelo signo do presente”.

O sociólogo e filósofo Lefebvre, em 1962, publica no seu livro “Do Rural ao Urbano que a cidade” “projeta no terreno uma sociedade inteira, uma totalidade social, suas superestruturas e as relações sociais que constituem sua estrutura propriamente dita” (1970, p. 147). Para Lefebvre, a cidade seria um reflexo da sociedade. (Vasconcelos, 1999).

O geógrafo David Harvey (1973), no seu livro *A Justiça Social e a Cidade*, diz que a cidade é “um sistema dinâmico-complexo no qual a forma espacial e o processo social estão em contínua interação”. Em outro momento, na mesma obra, Harvey também vê a cidade como “o lugar das tradições acumuladas” ou como “berço provável do modo de produção”.

Já o geógrafo Paul Claval (1981), no livro “A Lógica das Cidades”, conceitua cidade como “uma organização destinada a maximizar a interação social”. Milton Santos (1994) coloca a cidade como oposição “o particular, o concreto e o interno” ao urbano “o abstrato, o geral e o externo”.

Dentro desse apanhado de estudiosos é possível perceber a complexidade de conceituar cidade, não existe um conceito universal, nem errado ou excludente. As análises da cidade correspondem de diferentes perspectivas (filosófica, econômica, geográfica etc.).

4 O ESPAÇO GEOGRÁFICO E O ESPAÇO PÚBLICO

Assim como falar de cidade, falar do espaço é algo complexo. Segundo Milton Santos, espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos, não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações.

Conforme os estudos de Santos (1996), o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais. Santos (1996) diz ainda que existe três modos de agir no Espaço Geográfico, a saber: o Agir Técnico, o Agir Formal e o Agir Simbólico. O primeiro corresponde a todo e qualquer fenômeno técnico (materialidades, intencionalidades, circulação, trabalho e formas usadas, ou seja, técnicas e tecnologias existentes na totalidade); já o agir Formal engloba as esferas jurídicas, as leis e as normas definidoras da ordem e da gestão do Espaço Geográfico, e, por fim, o agir simbólico que define as ações políticas, emotivas (sensoriais) e culturais. Portanto, estes três modos de agir compõem o espaço geográfico.

A definição de espaço é mutável e flexível. Deve-se analisar o espaço como totalidade – união do espaço material com o espaço social. David Harvey (1980) diz que o espaço é formado pela imaterialidade da dinâmica social e pela materialidade das infraestruturas do espaço.

As duas análises citadas acima foram grandes colaborações para a construção do olhar geográfico sob o espaço. Um olhar geográfico sobre o espaço é um diálogo entre o material e o imaterial; analisando as transformações do espaço, seja física ou em seus usos, não excluindo alguma parte.

Gomes (2012) classifica em duas formas como se compreender o espaço, que sintetizam bem o que foi dito anteriormente. São elas:

a) Física – Se prende a analisar a estrutura física do espaço (praças, ruas, jardins etc.). É muito utilizada por arquitetos e planejadores. A análise acerca do espaço é de forma simplista.

b) Abstrata – Se concentra em analisar a vida política e democrática (usos do espaço). O espaço é visto como abstrato e imaterial.

Resumir o espaço público em um único conceito seria uma forma de diminuí-lo, uma vez que sua definição é um processo complexo. Dessa forma, não pode ser analisado de maneira simplista como em algumas ciências mais técnicas. Nesse sentido, refletir sobre o conceito de espaço público obriga a pensar o espaço como um recurso, um produto e como uma prática (...) social, política e simbólica. (NARCISO, 2009).

Quando se pensa em um espaço público, remete-se imediatamente a áreas acessíveis para todos, onde os indivíduos possuem liberdade para agir livremente sem ferir a liberdade do outro, mas a função de público não é tão simples.

O espaço público se configura como, urbanisticamente falando, destinado ao uso e convívio comum da população de uma determinada sociedade, prestando e exercendo diversas funções nos diferentes setores da vida desta: reunião, mercado, festa, trabalho, conversa, justiça, religião, música. (SORIANO, 2006, p. 38)

O espaço público costuma ser abordado normalmente apenas como oposto do privado, o que é um problema, pois existem outras concepções que precisam ser consideradas a respeito. Devemos levar em consideração que existem espaços onde são estabelecidos como públicos, mas cumprem essa função apenas parcialmente. Vale ressaltar que espaços com livre acesso e espaços públicos são denominações diferentes. A característica de livre acesso não pode ser fator determinante para definir se o espaço é público ou não. Os shoppings centers são exemplos de espaços que cumprem parcialmente o estatuto de espaço público, pois está sob um regime de espaço privado.

Assim como existem espaços privados com livre acesso, também existem os espaços públicos que não possuem livre acesso ou possuem acessos limitados, como os hospitais, escolas, delegacias, áreas militares, áreas administrativas etc. Não se torna conveniente aplicar os espaços públicos apenas na distinção público/privado.

O espaço público possui relação com a vida pública, pois são espaços onde os problemas da vida social são exibidos, e de importância fundamental para a transformação social. De acordo com Gomes (2012), “espaços públicos correspondem à dimensão espacial da política em sociedades democráticas ou republicanas.”.

Boa parte dos atos políticos de uma sociedade está ligada aos espaços públicos. Os protestos, até mesmo as revoluções ocorridas ao longo dos séculos, necessitavam e necessitam ocorrer em locais onde as pessoas possam visualizar esses atos. É o espaço onde acontecem encontros, socialização, manifestações - sejam culturais ou políticas - que organiza e une a

cidade, formando-a e dando novas formas e sendo agente principal da identidade de uma cidade. A vida urbana se firma nesses espaços.

O espaço público pode possuir diferentes funções e denominações ao longo do tempo, devido aos diferentes contextos históricos percorridos pela cidade. Ou seja, o mesmo espaço pode já ter tido uma função política, depois econômica e atualmente possuir uma função paisagística.

A quantidade de espaços públicos em uma cidade fala muito sobre a qualidade da mesma e da qualidade de vida de seus habitantes. O que ocorre com muitos espaços públicos é a deterioração, principalmente os que estão localizados nos centros das cidades. O péssimo estado de conservação, a falta de segurança, levam as pessoas a procurarem espaços fechados para lazer ou para passar o tempo, como os shoppings centers e clubes.

No geral, a deterioração do espaço público pode ser explicada pela evolução dos meios de comunicação, pela evolução do poder de locomoção do homem e principalmente intencional direcionado para o capital. Pela comunicação, pois antes das praticidades do telefone e internet, as pessoas se deslocavam para os espaços públicos para se comunicarem e até se informarem; pela locomoção, pois com o surgimento do automóvel as pessoas utilizam desse espaço para estacionar seus veículos; e pelo capital, devido ao interesse geralmente em desenvolver atividades que gerem retorno econômico.

Exemplo desse pressuposto é a prática de revitalização de centros históricos, geralmente apresentados para a sociedade como uma forma de integração, espaços que serão de uso de todos, mas que na verdade acaba segregando parte da população e coloca esse espaço a disposição e prioridade do capital.

Segundo, Paes (2017), “a fetichização da renovada paisagem urbana encobre descaradamente os processos de segregação socioespacial e os seus sujeitos indesejáveis.”.

Com as diferentes abordagens de análise do espaço e perspectivas de entendê-lo, é possível ver como o espaço público é uma peça importantíssima para entender, por meio das transformações, a cidade e suas dinâmicas sociais e físicas. Os espaços públicos englobam as ruas, calçadas, praças, jardins e nesse trabalho o foco ficará nas praças.

5 A GEOGRAFIA CULTURAL E OUTRAS ABORDAGENS

Entre o final do século XIX e o início do século XX, a noção de cultura estava ligada a analisar os comportamentos humanos. Em 1870, Ratzel assumiu interesse “pelo domínio e pelas transformações que as migrações produziam nas características humanas.” (RATZEL, 1870 apud BENATTI, 2016, p. 3).

O uso primitivo da palavra “cultura” nas línguas francesa e alemã tem um sentido normativo; já na Etnologia, o seu uso já puro é exclusivamente descritivo, ou seja, não se trata de dizer o que deve ser a cultura, mas de descrever o que ela é, tal como aparece nas diferentes sociedades humanas. (GODOY, SANTOS, 2014 p. 20).

Em 1880, Ratzel usa pela primeira vez o termo “geografia cultural” em sua tese de doutorado.

Ratzel nomeou esta área de pesquisa como Antropogeographie (antropogeografia). No seu entender a antropogeografia buscava, sobretudo, analisar as influências da natureza sobre os indivíduos e descrever as áreas que os homens ocupavam sobre a superfície terrestre. Os seus estudos se desdobraram sob dois eixos: a dependência que homem possui do meio e a mobilidade como fator essencial da vida dos indivíduos e das comunidades. (RATZEL, 1880 apud BENATTI, 2016, p. 4).

Eduard Hahn, um pesquisador alemão, se dedicou a geografia cultural investigando sobre a origem da agricultura e as complexidades da mesma, realizando estudos sobre a domesticação de animais.

Deste modo, Eduard Hahn desenvolveu importantes trabalhos que abrangiam os aspectos materiais da cultura ligados aos utensílios e técnicas utilizados nas agriculturas cultivadas por grupos distintos. (BENATTI, 2016, p. 4).

Otto Shlüter realizou estudos sobre os estabelecimentos humanos e publicou no ano de 1907, um trabalho sobre as transformações das ações humanas no espaço onde vivem, fazendo da paisagem (Landshaft) o objeto da geografia humana.

Siegfried Passarge, geógrafo alemão, no final do século XIX, largou seus estudos em geomorfologia, e se dedicou aos estudos da paisagem.

A geografia cultural, portanto, assumiu como interesse de análise os diferentes modos de vida e as paisagens, cujos trabalhos se desdobravam sobre as dimensões materiais da cultura – focavam as características do habitat, de vestuário, utensílios e técnicas. (CLAVAL, 1999, 2012; CORRÊA, 1997, 1999; MITCHELL, 2000; BENATTI, 2016).

As transformações na geografia humana na Alemanha exerceram real influência sobre os geógrafos franceses, tendo como principal precursor no país Paul Vidal de La Blache (1845-1918). (BENATTI, 2016, p. 5).

La Blache possuía estudos pautados nos estudos de Ratzel, sobre as relações entre a sociedade e a natureza. Jean Brunhes foi aluno de La Blache, porém, ao apoiar seus trabalhos sobre realizou estudos sobre os tipos de habitats, técnicas de construção e materiais.

Em 1909, Brunhes publicou uma síntese intitulada *Géographie Humaine*, na qual os fatos culturais foram pouco privilegiados. É somente em 1920, com sua obra *Géographie Humaine de la France*, que Brunhes atribuiu, de fato, destaque à cultura, ao relevar a importância das realidades étnicas e as formas de habitat existentes no planeta. (CLAVAL, 2012: 20-21; BENATTI, 2016, p. 5).

Pierre Deffontaines realizou estudos sobre paisagens e realizou também pesquisas sobre os gêneros da vida, posteriormente desenvolveu pesquisas relacionadas a geografia e religiões, sendo pioneiro na temática.

Em 1925, surge a escola de Berkeley tendo como precursor Carl Sauer. Sauer iniciou seus estudos voltados para as ações e transformações das paisagens, saindo dos estudos que seguiam o determinismo ambiental.

Para Sauer, a Geografia deveria se constituir em três estudos: reconstrução da paisagem física antes do homem; reconstrução da paisagem durante a ocupação humana; e as mudanças maiores que se verificam na paisagem cultural, através das marcas que nelas são impressas e as representações que através delas se manifestam. (CORRÊA, 1997 apud BENATTI, 2016, p. 6).

Até 1970, cultura era concebida como fator capaz de moldar os indivíduos.

Os novos estudos que sucederam, conforme elucidam João Sarmiento, Ana Azevedo e José Pimenta (2006: viii), se fundam em dimensões que reveem “a ideia de cultura como processo significante”, sistema de construções sociais e simbólicas. Essas construções se dão por meio de relações estabelecidas entre território e indivíduos. Por sua vez, essas relações produzidas se refletem nas experiências e percepções que as pessoas extraem de um determinado local, as quais configuram as identidades e os sentimentos de pertença coletivos e pessoais, ou seja, que concebem o sentido de lugar. (BENATTI, 2016, p. 9).

O pós-guerra trouxe uma nova visão de mundo e o avanço tecnológico irrompeu fronteiras inimagináveis. Novas compreensões foram exigidas, nas quais as vivências e culturas populares ganharam a atenção dos pesquisadores... às identidades culturais, percepções, representações, às memórias e heranças dos indivíduos e grupos passaram a compor o novo corpo de preocupações dos novos estudos. (BENATTI, 2016, p. 9).

No pós-guerra cultura era tratada como:

A cultura passa a ser definida como o conjunto das técnicas, atitudes, ideias e valores, considerando os seus elementos materiais, sociais, intelectuais e simbólicos. Neste sentido, a cultura é transmitida, inventada e vivida individualmente, ao ponto que é assimilada de forma distinta pelos membros de uma sociedade. (Corrêa, 1992, apud Bennati, 2016)

Essa definição foi publicada no Editorial da Revista *Géographie et Cultures* que era coordenada por Paul Claval em 1992. Após esse conceito ser estabelecido muitas críticas foram feitas por outros estudiosos, pois a cultura estava sendo estudada como “coisa”.

5.1 Outras abordagens sobre cultura

Segundo Cucho (*ibid*), a cultura é a expressão da totalidade da vida social do homem, caracterizando-se por sua dimensão coletiva. A cultura é adquirida e por isso não depende da hereditariedade biológica. Sendo a cultura adquirida, então sua origem e seu caráter são, em grande parte, inconscientes. (GODOY, SANTOS, 2014 p. 20).

Franz Boas, antropólogo norte-americano, possuía uma visão relativista da cultura. Considerava que cada cultura é única, via cada cultura como um corpo complexo que só poderia ser entendido se o pesquisador se dedicasse a fundo na cultura estudada.

Considerava que, ao estudar uma cultura particular, era preciso abordá-la sem a priori, aplicar suas próprias categorias para interpretá-las e compará-la prematuramente a outras culturas. (GODOY, SANTOS, 2014, p. 21).

Em 1942, ano de seu falecimento, Boas abordava uma nova característica do relativismo cultural. Essa característica realçava o respeito e a complexidade única das diferentes culturas. “Na medida em que cada cultura exprime um modo único de ser homem, ela tem o direito à estima e à proteção, se estiver ameaçada.” (GODOY, SANTOS, 2014, p. 21).

Bronisław Malinowski, antropólogo polaco, dizia que as culturas deveriam ser analisadas sincronicamente de um único ponto, a observação dos “dados contemporâneos”.

Para Malinowski, (Cucho, *ibid.*), o indivíduo tem um certo número de necessidades psicológicas (alimentar-se, reproduzir-se, proteger-se etc.), que determinam imposições fundamentais. A cultura constitui precisamente a resposta funcional a esses imperativos naturais, e esta resposta ocorre por meio da criação de “instituições” que designam as soluções coletivas (organizadas) às necessidades individuais. (GODOY, SANTOS, 2014, p.).

Malinowski mostrou em seu trabalho que a cultura não pode ser analisada apenas por uma perspectiva; é necessário analisá-la do seu interior, exterior, próximo e a distância. Existem diversas formas de se analisar a cultura. Os antropólogos citados anteriormente analisavam de maneira descritiva a cultura; com o tempo foram surgindo outras abordagens e uma delas é a simbólica.

O pioneiro dessa concepção é Leslie White, que dizia que a cultura e o homem são inseparáveis, como exemplo de sua concepção era a linguagem, ou seja, “o discurso articulado é um recurso extremamente poderoso naquilo que diz respeito à criação, ordenação e regulação de sistemas de parentescos, sistemas políticos e econômicos. Esse discurso articulado é fruto da simbolização.” (GODOY, SANTOS, 2014, p. 23).

A linguagem é agente transmissor de conhecimento, e facilitador do acúmulo dele, facilita a evolução de técnicas, formador de crenças, permite a criação de organizações financeiras e sociais. Para tanto, a linguagem foi um fator essencial para a origem da cultura. “O papel da cultura para White (2009) é contribuir para uma vida com mais segurança e durabilidade para a espécie humana. O homem é, ao mesmo tempo, animal e ser humano.”. (GODOY, SANTOS, 2014, p. 23).

As culturas são organizadas por meio de sistemas ou códigos de significação, que dão sentido às nossas e às demais ações. Em virtude disso, qualquer que seja a ação ou prática social, ela é cultural, pois expressa ou comunica significados e, por isso, é prática de significação. (GODOY, SANTOS, 2014, p. 37).

5.2 Manifestações culturais, festas e a sua ocupação do espaço

As manifestações culturais são a forma de representação da socialidade de um povo, são componentes da preservação de culturas.

Conforme comenta Del Priore (2000), o momento festivo tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias, ou seja, tempo de fantasias e liberdades, de ações vivazes, mas também de frustrações, revanches e reivindicações de vários grupos. (OLIVEIRA, CALVENTE, 2012, p. 82)

As manifestações culturais têm a sua origem da ação social, são modificadas de acordo com a mudança de hábitos e costumes dos diversos grupos sociais. Possuem também o papel de fornecer uma melhor relação do homem com o espaço.

A partir do entendimento da festa como manifestação da cultura de um povo, deve-se considerá-la tão dinâmica quanto a própria cultura, modificando-se com o tempo e de acordo com as relações estabelecidas, ou seja, ela “[...] existe em processo, em movimento, convive com a realidade dinâmica do cotidiano e transforma a si própria sempre que necessário. (CALVENTE, 2004, apud OLIVEIRA, CALVENTE, 2012).

A maioria das manifestações ocorridas no Brasil possui como palco o espaço público como, por exemplo, as praças. Isto se dá principalmente por suas localizações e acessibilidade. Estas possuem diversas funções, seja lazer ou de cunho financeiro, além de representar o mais alto momento de sociabilidade de um povo. Segundo Bezerra (2008, p. 9), “assim, a festa, é do ponto de vista da geografia, uma oportunidade de primeira ordem para compreender a natureza do laço territorial.”.

As manifestações representam a forma que os diversos grupos se identificam com o espaço, como o percebem e como o valorizam. Durante muitos séculos, as festas possuíam cunho religioso, sendo de costume que deuses e santos fossem o centro das festividades. Foi durante a revolução francesa, as festas começaram a mudar seu foco, passando a cultuar homens vivos.

Olhar para as diferentes maneiras de ocupar o espaço urbano é entender a cidade e seus fluxos. Representam a vida na cidade. Lefebvre em suas análises trata as festas com caráter econômico, e nota-se em suas análises uma espacialidade referente às festas:

Não existe realidade social fora do espaço e este passa a ser o elemento central de estruturação da sociedade moderna, a Festa se espacializa na cidade, ganha forma e contorno em seus limites. Portanto, a Festa pode (e deve) ser observada como um fenômeno espacial, seja nos terreiros de candomblé de Salvador, nas ruas históricas das cidades mineiras durante a Semana Santa com seus efêmeros tapetes representando a Paixão de Cristo, nas raves que reúnem milhares de jovens em torno da música eletrônica em algum ponto da metrópole ou ainda nos botecos bares de qualquer periferia brasileira. (SOUZA, 2013, p. 28).

Não é viável analisar as festas de maneira limitada. Além da presença física, estão presentes as relações sociais, as interações entre grupos distintos. Durkheim não elaborou nada diretamente sobre as festas, mas possui colaborações importantes a respeito, abordando a relação das festividades e os rituais religiosos, presente no seu livro, *As formas elementares da vida religiosa*, do ano de 1912.

A partir de Durkheim, pode-se apreender a relação existente entre o rito religioso e as festividades, pois, como afirma o autor, até mesmo as festas laicas têm características próprias da religião.. (SOUZA, 2013, p. 38).

Diz ainda, em Souza (2013, p. 39), que “interpretada como um ato coletivo e fenômeno massivo, a Festa faz com que o homem seja transportado para fora de si, rumo ao divino e ao grupo, em tempos e espaços separados para isso, ou seja, tornados sagrados.”.

Durkheim fala sobre a “efervescência social” para abordar o sentimento de pertencimento a um grupo. Souza (2013) utiliza como exemplo a umbanda e o funk, e diz que:

O que sobressai nessa relação de proximidade entre o rito sagrado e a Festa é exatamente a superação das distâncias entre os indivíduos e/ou entre o adorador e a divindade. A “efervescência” está na reunião das galeras as quadras onde acontecem os bailes, simplesmente para dançar, cantar e, por que não, formar brigas entre gangues rivais. Está também na movimentação dos corpos em transe pelos terreiros ao som de atabaques, preces e cantos. (SOUZA, 2013, p. 39).

Essa efervescência está presente em todas as manifestações. Toda manifestação tem como objetivo a reunião de pessoas com um objetivo em comum, seja religioso, para cultuar ou agradecer devido a razões religiosas ou contemplar um artista, visando diversão. As pessoas possuem uma identidade com o que está no centro da festa.

6 A PRAÇA E SEU PAPEL NA CIDADE

A história das praças pode ser facilmente confundida com a história do espaço público. “A história demonstra que a praça ocidental tem seu embrião na ágora ateniense, local de reunião e discussão dos destinos de muitas das cidades gregas.” (DE ANGELIS, DOMINGUES et al., 2005, p. 3).

Entende-se que “a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”. (LAMAS apud DE ANGELIS, 2005, p. 2).

Ao decorrer do tempo, as praças tiveram suas funções e significados modificados, e muitas vezes essas funções são reduzidas. As praças passaram por grandes modificações ao longo do tempo, principalmente mudanças físicas. Para entender essas mudanças e como surgiram as praças é preciso passar por todas as estruturas que as antecederam. De acordo com Angelis (2005), as estruturas anteriores às praças são:

6.1 Ágora

Localizada em local privilegiado na cidade, as ágoras eram o local de reunião dos cidadãos gregos. Um local aberto, sem forma definida e de propriedade pública onde se falava de política e a vida pública acontecia. Acabou se tornando local de encontro comum dos cidadãos. Caracterizada por ser rodeada de colunas e estátuas, havia áreas sombreadas para passeios e reuniões, e em algumas cidades as ágoras possuíam em seu centro um lago artificial. No seu entorno possuía teatro, ginásio, pistas para corridas e próximo existia uma segunda ágora com função de mercado.

6.2 Fórum Romano

“O fórum romano diferencia-se da ágora por seu traçado complexo, absolutamente desordenado, em que se misturam os edifícios destinados a diversas funções – a basílica, a

praça central, o mercado, os templos e o teatro -, sem relação formal explícita entre eles.” (MATAS COLOM et al.,1983; ORLANDI, 1994, p. 5).

O surgimento do fórum remete ao tempo em que Roma era formada por tribos estrangeiras e dessa união surgiu um mercado comum, “o fórum -, com um lugar de assembleia, que era também usado nos primeiros tempos para disputas atléticas e gladiatórias”. (LAVEDAN, 1926, p. 5).

Caracterizava-se por ser um espaço aberto, localizado entre colinas e em zona baixa, em meados do século IV deixa de possuir a função de mercado, tornando-se uma praça. “O fórum vai se cobrindo de estátuas, templos, monumentos, aparentemente privado de ordem, onde as edificações imponentes formam uma estrutura que cresce por recintos sucessivos.” (MUMFORD, 1982 et al. DE ANGELIS p. 5 2005).

Esses espaços (Ágora e Fórum) eram a materialização do desejo do homem de possuir um espaço onde pudesse socializar e realizar atividades coletivas, jogos e comércio, por exemplo. Esse desejo continuou até hoje, mas com outras formas de espaços públicos.

6.3 Praça Medieval

“Espaço social por excelência, lugar de mercado, ponto de encontro político, mas também espaço destinado a espetacularização do cotidiano, das relações sociais.” (DE ANGELIS, 2005). Caracterizava-se estruturalmente por ser irregular e comumente surgia de um vazio urbano e não de um planejamento. Alguns autores afirmam que as praças medievais são categorizadas por suas funções que são elas: religiosa, cívica e mercado.

Zucker (1959) et al De Angelis (2005) classifica-as em cinco categorias:

- Adro de igreja – Espaços localizados na frente ou em volta da igreja, podendo ser murado ou aberto;
- Praça como centro da cidade;
- Praças agrupadas;
- Praças de entrada da cidade;
- Praças de Mercado.

6.4 Praça Maior

Origina-se no século XIII nos mercados que eram localizados fora da malha urbana, fora dos castelos. Os mercados acabavam propiciando o surgimento de novas edificações no seu entorno, resumidamente a praça era um ponto de mercado. No século XIV, a praça muda de função passando a ser o local das reuniões, da vida social, e, no século XV, torna-se palco de espetáculos, jogos, teatros e práticas judiciais.

6.5 Praça de Armas

Possui características similares à Praça Maior, tanto em estrutura física quanto em função primária que era a função de mercado.

“A praça de armas assume na antiguidade duas formas bastante distintas: aquela de verdadeira praça urbana, e aquela que se constitui em um descampado dentro ou fora dos muros das cidades fortificadas. No primeiro caso, temos a praça como centro da cidade fortificada, de onde partiam vias que levavam aos principais portões e pontos de defesa da *poli*.” (DE ANGELIS, 2005, p. 8).

Posteriormente assume também a função social sendo espaço para a realização de festas e feiras. Localizada em áreas chamadas de esplanadas, especificamente fora dos muros do castelo e próxima aos campos militares, alojamentos, onde eram praticados exercícios e treinamentos de guerra.

6.6 Praça Renascentista

O Renascimento foi um movimento intelectual e artístico surgido na Itália, por volta dos séculos XIV e XVI. A ideia do movimento renascentista está relacionada com a revalorização do pensamento e da antiguidade clássica, e a formação de uma cultura humanista. De acordo com Silva Pinto (2003, p. 50), “pensadores teóricos da época buscam, através dos desenhos, a definição de sua obra – a cidade ideal, considerando os caracteres que contribuem para dar forma a esta obra (proporcionais, métricos e físicos).”.

É no Renascimento que a praça se torna parte da malha urbana em definitivo. As estruturas citadas anteriormente não eram verdadeiramente praças, mas foram essenciais para a formação das mesmas e de sua atual forma. “Percebe-se uma predileção pelos modelos concêntricos, sendo a praça o centro estrutural para onde convergem às ruas retilíneas.” (SILVA PINTO, 2003, p. 52).

A influência renascentista trouxe para as cidades novas características como bairros vazados, traçados reticulares, rampas, baluartes, novos arranjos de monumentos e etc. Diferente de estruturas vistas anteriormente, a Praça Renascentista é um espaço criado para possuir uma função específica, não dependendo de espaços vazios na estrutura urbana. Muito mais do que valor funcional, a praça adquire valor político-social, e também o máximo valor simbólico e artístico (MATAS COLOM et al., 1983, et al DE ANGELIS, 2005).

6.7 Praça Barroca

A manifestação artística barroca foi desenvolvida no século XVII, com características do Renascimento e do Maneirismo. Tanto na arte como na arquitetura, o Barroco possui algumas características em comum: enfatiza a profundidade, formas abertas - devido às indeterminações dos limites entre os objetos representados e as perspectivas que não são centrais, sugerem uma continuidade no espaço e tempo - e clareza relativa.

A diferença entre o Renascimento e o Barroco é que um valorizava a imobilidade das coisas e o outro valorizava o movimento. Nesse momento, afasta-se das funcionalidades sociais e comerciais, e, passa-se a priorizar a monumentalidade, com a qual bancos, árvores e jardins, por exemplo, são instalados.

Sua composição era geométrica e nesse período existe uma preocupação em como o espaço está sendo composto, considerando os diálogos entre as diferentes partes da cidade. “A espetacularidade da arquitetura barroca nas praças vem de encontro à preferência do século em que se situa por toda forma de exterioridade, ... e de poder”. (DE ANGELIS, 2005, p. 10). Os governantes construíam espaços monumentais para marcar seus feitos e demonstrar sua riqueza.

6.8 A Praça no Brasil

A ideia de um espaço de uso comum no Brasil remonta a antes do Brasil Colonial. Os índios, os tupis, que já viviam no Brasil, possuíam sua própria forma de ordenar o território. As aldeias possuíam formas diferentes de organização territorial devido à ligação aos costumes de cada grupo. “Eram nômades e agrupavam-se em pequenos núcleos, denominados aldeias. Tais assentamentos, que ocupavam a costa do Brasil, constituíram a primeira forma de organização espacial encontrada pelos portugueses”. (CALDEIRA, 2007, p. 59).

A ordenação mais simples era a casa-tribo que todos da aldeia moravam em um único local. Possuía um pátio interno onde o restante da casa era organizado em torno, tinha formato retangular ou elíptico, e, segundo Caldeiras (2007), uma hierarquia bem definida, onde as mulheres dormiam separadas dos homens, cada um com seu espaço. A localização de cada família depende da hierarquia tribal, o espaço central era voltado para realizações de rituais, celebrações e assembleias. Em algumas aldeias, os pátios eram abertos e possuíam formato circular, também com função voltada para as atividades coletivas.

“As aldeias indígenas reproduzem certos princípios da ordenação espacial da casa-aldeia, porém com a presença de um número maior de edificações. A configuração típica consiste na forma circular, composta de quatro ou cinco cabanas distribuídas em torno de um espaço central.” (CALDEIRAS, 2007, p. 62).

Essas configurações ainda são encontradas nas aldeias Tupi-Guarani da Amazônia, com a praça central sendo o local do coletivo, havendo uma prioridade para estes tipos de espaços.

“A existência desse pátio central, ou praça, na ordenação espacial indígena esboça a necessidade que esses habitantes tiveram de hierarquizar seus espaços de convivência, privilegiando espaços de uso coletivo para a celebração de cerimônias e rituais.” (CALDEIRAS, 2007, p. 64).

Com o Brasil sendo explorado por europeus, as influências para criação das cidades eram trazidas da Europa. As principais referências são do Renascimento e do Barroco.

As praças no Brasil colônia estavam associadas aos adros das igrejas, servindo para reunião de pessoas e diversas atividades, não só religiosas como também as de recreio, mercado, políticas e militares. (MARX, 1980 apud et al DE ANGELIS, 2005, p.13).

Até o século XIX, a vegetação não era vista como elemento importante no meio urbano, pois a cidade era vista como oposto do rural. O crescimento desordenado das cidades brasileiras fez com que fosse observado pelos planejadores que a vegetação deveria estar integrada ao espaço urbano. A partir desse momento, passou-se a ter nas cidades mais vegetação compondo os espaços urbanos, mesmo que artificialmente. Os jardins e os largos foram os antecessores das praças no Brasil.

Os jardins surgem no Brasil, no século XVIII, e se tornam mais frequentes no século XIX. Estavam presentes no Brasil em espaços fechados como residências e espaços religiosos. Os jardins botânicos existentes eram utilizados por estudiosos, possuindo função apenas voltada para pesquisa.

Nesse mesmo período, principalmente no século XIX, surgem no Brasil os primeiros espaços ajardinados de uso coletivo (GOMES, 2007), influenciado por novas ideias arquitetônicas, os jardins começam a ter mais espaços nas residências da época.

Houve mudanças significativas na estruturação do espaço urbano brasileiro: a população cria o hábito da jardinagem, os jardins botânicos são abertos para visitação pública, as ruas passam a ser arborizadas e as praças começam a ser ajardinadas. (ROBBA e MACEDO, 2002 apud et al GOMES, 2007).

A ascensão dos jardins no país marcou o início da prática do paisagismo no país e da arborização nos espaços públicos da época. Determina-se também a evolução funcional das praças, tornando-se espaços mais agradáveis e verdes. A presença de vegetação nos espaços públicos se apresenta como um critério e um padrão para avaliação de qualidade dos espaços públicos.

Esse novo modelo de praça era voltado para o belo e higiênico, fazendo referência ao classicismo inglês que foi a primeira referência arquitetônica a se preocupar com a “temática higiênico-recreativo e social dentro da trama urbana.”. (DE ANGELIS, 2005, p. 12).

7 O CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

O acervo arquitetônico e urbanístico de São Luís está dividido em duas zonas urbanas tombadas que são protegidas por leis federais e municipais. O tombamento é um instrumento jurídico criado em 1937, pelo Decreto-lei nº 25, como uma forma de proteção do patrimônio cultural brasileiro. “O principal efeito da imposição do tombamento é conservar os bens materiais, coisas móveis ou imóveis que são reconhecidas como portadoras de valores culturais.” (RABELLO, 2015, p. 2).

Em 23 de Dezembro de 1955 e, posteriormente, em 13 de Março de 1974, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, uma área de 90 hectares foi tombada no centro da cidade. Essa área corresponde a aproximadamente 1000 imóveis nas áreas do Desterro, Praia Grande e Ribeirão, praças João Francisco Lisboa, Benedito Leite, a Praça Gonçalves Dias e todo seu acervo arquitetônico e paisagístico. Existem também monumentos e edifícios localizados em diferentes pontos do Centro Histórico. A área de tombamento do Centro de São Luís é indicada no plano diretor da cidade como Zona de Preservação Histórica – ZPH.

Em 1997, o Centro Histórico de São Luís recebe da UNESCO o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Segundo o IPHAN, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de Novembro de 1937, substituindo a denominação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro.

O Decreto de 1937 estabelece como patrimônio o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil:

- Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à

identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I – As formas de expressão;
- II – Os modos de criar, fazer e viver;
- III – As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V – Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

7.1 A revitalização do Centro Histórico

O governo do Estado do Maranhão solicitou em 1973, a serviço da UNESCO a visita do arquiteto Viana de Lima. Possuía o trabalho de avaliar o centro histórico e elaborar um plano para a recuperação do centro de São Luís. O relatório elaborado por Viana de Lima possuía levantamento fotográfico e cartográfico, o que permitia uma visão do centro no contexto da cidade. Muitas das intervenções encontradas na cidade constavam no relatório feito por Viana de Lima, como o aterro do rio Bacanga, a criação do anel viário, estacionamentos e a construção de pontes como a Bandeira Tribuzzi. Viana de Lima analisou o também o trânsito e apontava que os carros não deveriam transitar naquela área.

Também constava nas suas análises a retirada dos agentes poluidores visuais como os cabos de telefone, fiações elétricas, placas dos comércios e postes. Muitas das intervenções sugeridas no relatório elaborado pelo arquiteto, anos depois foram feitas na cidade.

O problema do plano elaborado por Viana era que possuía apenas análises técnicas, com colaboração de outros técnicos, não participando a comunidade que morava e frequentava o centro histórico e a sociedade civil. Segundo Andrés (2012, p. 68) “faltaram a negociação e sua implementação assim como o controle e o monitoramento das ações dos atores e a participação da comunidade.”.

O importante na sua análise feita em 1973 foi a determinação em tratar a preservação do patrimônio arquitetônico com uma visão abrangente e de conjunto do ponto de vista da espacialidade urbana, dos usos, com evidentes preocupações ambientais. (ANDRÉS, 2012, p. 68).

Em 1978, surge a proposta do arquiteto John Gisiger, o qual foi contratado pela secretaria de planejamento do Estado para realizar estudos. Reuniu por meio de pesquisas, dados que foram utilizados para compor o diagnóstico feito por Gisiger.

No diagnóstico havia dados relacionados a patrimônio histórico, imobiliário, turismo e urbanismo, avaliava o conjunto arquitetônico e ressaltava a necessidade de conservação. Dentro do diagnóstico abordava sobre a delimitação da área, trânsito de carros e pessoas, avaliação dos imóveis e a ocupação, discutia também sobre as atividades portuárias que ocorrem na Beira-Mar, reconhecendo sua importância, também fez análises das dinâmicas sociais e funcionais. Assim como Viana de Lima, John Gisiger teve um trabalho praticamente solo, fazendo seus estudos mais de dentro do gabinete.

John nomeou erroneamente seu projeto de Renovação Urbana da Praia Grande, o que chamou muita atenção de diversos especialistas ao redor do país e chamou atenção principalmente do IPHAN que, imediatamente, começaram a dar atenção a São Luís. Os rumores chegados até o IPHAN de uma renovação urbana geraram o questionamento se essa renovação seria a substituição dos prédios históricos por novos; esses questionamentos fizeram com que o presidente do órgão, Aluísio Magalhães, viesse a São Luís.

Quando Aluísio Magalhães tomou conhecimento do projeto do arquiteto John Gisiger notou que o mesmo foi nomeado de maneira incorreta; então, começou a fazer modificações e, a partir disso, com a promoção do Governo do Estado e apoio do IPHAN, foi realizada a primeira convenção da Praia Grande em 1979.

A convenção foi um evento de âmbito nacional e participaram 32 profissionais de vários estados do Brasil, funcionários dos órgãos públicos municipais e estaduais, representantes das universidades e entidades sociais. Resultou-se dessa convenção que haveria a elaboração de um programa de preservação do centro histórico e que seria decidido um grupo de trabalho e uma comissão coordenadora para representar as esferas do governo e a sociedade civil.

O termo revitalização é empregado erroneamente, porém bastante utilizado no Brasil quando se trata de intervenções em áreas centrais. De acordo com Rubino (2008), o termo se vulgarizou e perdeu seu sentido original, que não remeteria a um lugar desvitalizado.

Duarte (2005) argumenta que sua etimologia sugere uma visão preconceituosa e errônea da área de intervenção, já que esses centros não teriam perdido sua vitalidade. O autor faz um “inventário” das terminologias que vêm sendo empregadas: a renovação denominaria um processo de substituição das formas urbanas existentes por outras modernas. Pode ser pontual. A requalificação englobaria processos de alteração em uma área urbana com o fim de conferir-lhe

nova função. Já a reabilitação constituiria um processo integrado de recuperação de uma área urbana que se pretende salvaguardar, implicando o restauro de edifícios, a revitalização do tecido econômico e social e a retomada do uso residencial. (JAYME; TREVISAN, 2012, p. 8).

Outra característica dos programas de revitalização é ligada a cultura. A cultura é um dos fatores primordiais dos programas de revitalização, pois acaba sustentando toda a justificativa da realização das revitalizações dos centros históricos.

“As intervenções urbanas dos centros históricos refletem muito mais a recuperação das áreas centrais para o consumo cultural, lazer e turismo, do que o retorno das classes médias e das elites para fins residenciais, como ocorreu nos países centrais.”. (PAES, 2017, p. 673).

A presença de manifestações nos centros históricos tem a função de agregar novas funções aos espaços, até dando novas formas para a organização do espaço. Antes de o programa ser criado e noticiado existiam muitas críticas pelo abandono da região por parte do poder público. Os jornais da década de 60 a 80 noticiavam constantemente o abandono da região pela falta de limpeza, infraestrutura e pelas pessoas que frequentavam algumas áreas para uso de drogas.

Figura 1 - Jornal O Estado do Maranhão, junho de 1977.



Fonte: Acervo Biblioteca Benedito Leite.

8 O PROGRAMA DE PRESERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS – PPRCHSL

Por meio do Decreto Estadual, de número 7.345, estabelecido em 1979, foi determinada a criação da Comissão de Coordenação a qual era composta por representantes governamentais dos três níveis do governo, representantes de órgãos públicos, a Universidade Federal do Maranhão, sindicatos e entidades não governamentais, e um grupo de trabalho. Foram estabelecidas as políticas de preservação, totalizando 11 (onze), que foram essenciais e norteadoras do projeto. São elas:

Tabela 1 – Políticas de preservação

1	Proporcionar a manutenção do uso residencial nas áreas do Centro Histórico.
2	Intensificar as atividades de assistência e promoção social e priorizar ações de fomento a geração de emprego e renda.
3	Apoiar a instalação de centros profissionalizantes.
4	Incentivar as manifestações culturais e educacionais mediante o estabelecimento de centros culturais e de criatividade e do fortalecimento das instituições públicas e privadas que se dedicam à ação e difusão cultural bem como apoiar as manifestações artísticas de indivíduos ou grupos comunitários sediados na área.
5	Restaurar e preservar o patrimônio arquitetônico e ambiental urbano do Centro Histórico, reintegrando-o à dinâmica social e econômica da cidade, em condições adequadas de utilização e apropriação social.
6	Promover a revitalização econômica do comércio varejista, especialmente de gêneros alimentícios regionais e artesanato e das atividades relacionadas ao turismo cultural.
7	Adequar as redes de utilidades, serviços e logradouros públicos: água, esgoto, drenagem, energia elétrica, telefone, limpeza urbana, transporte, saúde, segurança, praças e rede viária, de forma a beneficiar a população residente e usuários, propiciando ademais uma ocupação coerente e diversificada do Centro Histórico.
8	Dinamizar as atividades portuárias tradicionais, visando à revitalização das funções econômicas e culturais mais representativas do Centro Histórico, relativas à pesca artesanal e ao transporte hidroviário de passageiros e carga.

9	Contribuir para o incremento do associativismo e consolidação das entidades de classe, de forma a garantir uma participação efetiva da comunidade no processo de preservação e revitalização do Centro Histórico.
10	Garantir um processo permanente de avaliação crítica do Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís.
11	Assegurar o compromisso político da administração pública quanto à inclusão dos temas relativos à restauração e à conservação dos bens culturais nos planos de governo estadual e municipal.

Fonte: Adaptado de Andrés, 2012.

O programa foi estruturado a partir das políticas citadas acima, assim, foram criados 11 subprogramas que são:

I) Subprograma de Promoção Social e Habitação no Centro Histórico de São Luís – Havia um desejo de realocar a população que vivia em áreas periféricas para viver no centro da cidade após a restauração de alguns prédios. Principalmente áreas que estavam em ruínas, algumas que precisavam de poucos reparos, tudo isso com o objetivo de além de melhorar a mobilidade urbana para as pessoas que trabalhavam no centro, mas para de acordo com Andrés, “A presença do morador contribui para estabelecer um vínculo maior entre os cidadãos e o espaço urbano, tornando-os diretamente interessados em sua conservação.”. Seria uma medida que trataria de três grandes problemas da cidade: a mobilidade urbana, a baixa qualidade de vida de uma parcela da população e a conservação do centro histórico.

II) Subprograma de Restauração do Patrimônio Artístico e Arquitetônico – Possuía o objetivo de conservar e restaurar monumentos religiosos e outros, como igrejas e palácios, devido a importância histórica e cultural para a cidade, e também pelos potenciais de atração de turistas, havendo uma urgência na restauração desses monumentos.

III) Subprograma de Recuperação da Infraestrutura e Serviços Públicos – Possuía a responsabilidade de tratar dos problemas urbanos (transportes rodoviários e hidroviários, limpeza, redes de esgoto e energia elétrica, entre outros).

IV) Subprograma de Prédios Públicos no Centro Histórico – Responsável por garantir recursos para reformas de repartições públicas federais, municipais e estaduais. Muitos órgãos públicos estavam localizados em sobrados do centro histórico que necessitavam de reparos.

V) Subprograma de Incentivo às Atividades de Turismo Cultural – Possuía o objetivo de direcionar investimentos para maior aproveitamento do potencial turístico. Certificando-se de que a cidade estivesse esta conservada para os habitantes e para os turistas.

VI) Subprograma de Revitalização das Atividades Portuárias – “A revitalização das atividades portuárias (...) é considerada fundamental como fator de geração de emprego e renda associado ao processo de recuperação do patrimônio cultural da capital do Maranhão.” (ANDRÉS, 2012, p. 76).

VII) Subprograma de Recuperação do Patrimônio Ambiental Urbano – Responsável pela recuperação de praças e jardins, oferecendo conforto e estar para a população, e também, uma alternativa de lazer.

VIII) Subprograma de Recuperação da Arquitetura Industrial – Possuía a responsabilidade de recuperar as fábricas que funcionavam no século XIX, que além de representarem muito bem a arquitetura industrial da época, eram responsáveis pela economia da época. As suas estruturas seriam adequadas para o uso da comunidade.

IX) Subprograma de Gerenciamento, Planejamento e Administração – Como o programa era multidisciplinar, havia a necessidade de gerenciar e acompanhar as dificuldades e necessidades do programa. Assim, esse setor era responsável pelo apoio logístico ao corpo técnico e também era responsável pelas questões institucionais.

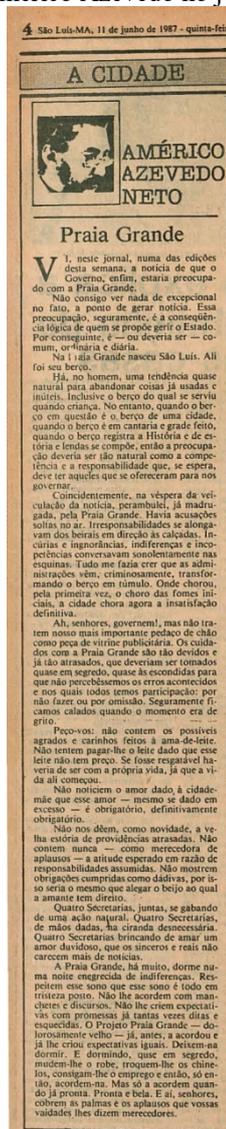
X) Subprograma de Pesquisa e Documentação – As atividades realizadas no projeto dependeram de atividades de pesquisa e documentação sobre a área do centro de São Luís. Esse subprograma ficou responsável por catalogar, organizar e identificar, documentos e informações, assuntos técnicos, administrativos, políticos e financeiros.

XI) Subprograma de Editoração e Divulgação – Possuía como tarefa tornar acessível a comunidade as principais propostas, planos e resultados das pesquisas realizadas.

Responsável também pela divulgação a âmbito nacional e internacional com o objetivo de atrair turistas.

Após o anúncio da revitalização de São Luís, algumas matérias lançadas na época aconselhavam a população de São Luís a não se animarem com a iniciativa do Governo, pois o Estado tardiamente estava fazendo sua obrigação e se houvesse resultados, seria digno de receber as devidas felicitações, como mostra a imagem da coluna do jornalista Américo Azevedo do jornal do Estado de 1977.

Figura 2 - Coluna do jornalista Américo Azevedo no jornal O Estado do Maranhão, 1987.



Fonte: Acervo da Biblioteca Benedito Leite, 2018.

8.1 A execução do Programa de Proteção e Revitalização do Centro Histórico de São Luís

O programa foi executado em seis etapas e ocorreu no período de 1979 a 2006. Possuía sede localizada na Rua do Giz, que era a sede da Secretaria de Coordenação e Planejamento do Estado. Com o início do programa, Aluísio Magalhães, presidente do IPHAN, instala em São Luís a diretoria regional do instituto. “A presença do órgão se fez mais rápida no Maranhão em decorrência de todo este episódio e em virtude do movimento pelo mesmo deflagrado.” (ANDRÉS, 2012, p. 84).

As obras do projeto se iniciaram no bairro da Praia Grande devido abrigar a maior quantidade de sobrados e ao estado crítico da área. A área teve seu apogeu no século XVIII e era a área de maior atividade comercial do Estado, no entorno do porto surgiram grandes indústrias de importação e exportação (arroz e algodão). Com a alta atividade econômica do bairro, surgiram galpões de armazenagem de produtos e casarões nas mediações da Rua da Estrela, Rua da Alfândega e Rua do Trapiche. Dois séculos depois as atividades comerciais da área eram baixas devido à crise econômica e ao transporte marítimo está em defasagem.

Na década de 1970, o bairro passava por uma nova transformação. A área abrigava órgãos públicos e existiam muitos casarões abandonados, parte do comércio estava na chamada parte alta do centro, mediações da Rua Grande.

Figura 3 - São Luís, vista aérea, 1974-08.



Fonte: Acervo Digital do IPHAN

Figura 4 - Rua Portugal em 1945.



Fonte: Acervo Digital do IPHAN.

Figura 5 - Rua Portugal, 1945, uma das principais ruas comerciais do centro de São Luís.



Fonte: Acervo Digital do IPHAN.

Figura 6 - Foto de 1977/1978 vista das embarcações nas proximidades do atual cais da Praia Grande, ao fundo os casarões.



Fonte: Acervo Digital do IPHAN.

8.2 A Primeira Etapa

Ocorreu no período de 1979 a 1983, e foi marcada principalmente pela reforma da feira da Praia Grande, que foi considerada um dos elementos mais importantes da área devido a sua importância econômica e pela sua localização.

Em 1981, foi criado o subprograma de Obras da Praça, responsável pelas obras da Feira da Praia Grande, Beco da Prensa, obras do albergue do Voluntariado de Obras Sociais – VOS e a Praça da Praia Grande, que marcaram a primeira etapa do programa.

Durante a Convenção ocorrida em 1979, havia a presença dos representantes do Sindicato do Comércio Varejista de feirantes de São Luís que apresentaram a reivindicação de que as atividades do projeto se iniciassem com a reforma da Feira. Durante o planejamento das obras, a maioria das reuniões ocorreu no local da Feira e além dos feirantes, os usuários também participaram. Existia uma insegurança por parte dos feirantes, da obra não ser concluída devido à falta de recursos públicos e também por medo de não poderem voltar aos seus espaços após a conclusão das obras.

Por meio de documentos, pelo Governo Estadual, foi garantido que cada comerciante iria ocupar um espaço similar ao que era ocupado antes da Reforma. Todo o plano de obras

foi analisado juntamente pelos feirantes e pela equipe técnica, sanando dúvidas e resolvendo questões como abastecimento de água e redes de esgoto, a área dos boxes e entre outros.

Durante as obras, os feirantes se instalaram nas proximidades para não interromperem suas atividades; essa instalação em áreas próximas foi negociada por meio do Sindicato. Além das melhorias internas desde a rede de abastecimento de água até a circulação de clientes e comerciantes, a parte externa da Casa das Tulhas foi reformada e restaurada.

A obra teve duração de seis meses, seguindo corretamente o cronograma e desde o início foi marcada acompanhada pelos feirantes e uma comissão técnica.

Foi devolvida aos feirantes e usuários, tornando-se a partir daí um modelo para os demais mercados populares de São Luís, passando a ser reconhecida (...) como um caso raro em recuperação do patrimônio histórico que tenha contado efetivamente com a participação da comunidade (...). (ANDRÉS, 2012, p. 90).

O Voluntariado de Obras Sociais (VOS) era uma obra social da Secretaria de Estado de Trabalho e Ação Social que realizava um trabalho de cuidar das pessoas vindas do interior do Estado que estavam em busca de emprego e uma vida melhor; muitas dessas pessoas não possuíam nem documentos, na maioria dos casos não possuíam local para se abrigar e geralmente com problemas de saúde.

As situações mais delicadas eram encaminhadas para o albergue do projeto onde as pessoas recebiam auxílio médico, instruções para obter documentos e empregos, dependendo da situação poderiam até passar a noite.

O objetivo do Programa de Proteção e Revitalização do Centro Histórico de São Luís, o PPRCHSL, era reconstruir um imóvel localizado na Praia Grande para abrigar o projeto. A área que foi reconstruída é de 1500 m² e também houve restauração da azulejaria datada do século XIX. No ano de 2001, essa área passou por novas reformas e foi utilizada dentro do programa de habitação familiar, chegando a abrigar 12 famílias.

Outros pontos de destaque dessa primeira fase são as obras da Praça da Praia Grande e as obras do Beco da Prensa. A Praça da Praia Grande foi uma demanda da população por áreas de convívio, na área onde se encontra a Praça era ponto de depósito de lixo e muito perigoso durante a noite, dentro do projeto foi criado esse espaço para lazer da comunidade.

O Beco da Prensa é conhecido assim devido estar localizado próximo a uma velha indústria de prensa de algodão que era exportado. Até 1981, a área era intrafegável, além de possuir lixo e não tinha iluminação.

Após a reforma, o Beco foi restaurado com a construção de redes de esgotos, além da instalação de iluminação a área também ganhou pavimentação e se tornou uma via de acesso para a população ter acesso ao transporte público no Anel Viário.

8.3 A Segunda Etapa

Ocorreu no período de 1983 a 1987 e não foi marcada por obras, mas sim por estudos. O Governo Estadual investiu muito em obras no interior do Estado e deixou a cargo da prefeitura as obras no Centro Histórico, o que foi refletido no estado de conservação da área. Foi iniciada no ano anterior a essa etapa uma pesquisa socioeconômica com objetivo de ter uma visão detalhada da situação dos moradores e da população que trabalhava no Centro Histórico.

Essa pesquisa contou com uma equipe de dois sociólogos e sete assistentes sociais. Ocorreu o projeto de microfilmagem e transcrição paleográfica dos Livros da Câmara de São Luís dos séculos XVII, XVIII e XIX. Esse projeto foi responsável pela restauração de documentos essenciais para o entendimento da história de São Luís, que seriam descartados e foram encontrados pela equipe do projeto.

Dentre os documentos estavam códigos de postura, concessões de terrenos, normas de construções e entre outros. Os documentos encontrados foram restaurados por meio de um projeto realizado a partir de 1985, onde historiadores realizaram a recuperação de mais de 28 mil páginas dos livros encontrados.

No mesmo ano foi estabelecida a parceria entre FINEP e SEPLAN que resultou em um estudo com a duração de três anos, onde uma equipe multidisciplinar percorreu o litoral maranhense e regiões de lagos e rios navegáveis, registrando os saberes tradicionais populares de construção naval artesanal, contribuindo para a conservação do patrimônio imaterial do Estado.

Em 1986, o sítio do físico, que hoje é um conjunto de ruínas, foi uma fábrica de pólvora no início do século XIX e pertencia a Antônio José da Silva Pereira. Possuía a seu serviço 400 escravos e com essa mão-de-obra realizou a construção de um complexo industrial às margens do rio Bacanga, e a 6 km do Centro Histórico de São Luís. A área possui mais 20.000 metros quadrados e devido o seu valor arqueológico, foi elaborado um projeto para garantir a preservação do sítio.

8.4 A Terceira Etapa

Nesta etapa, que ocorreu 1987 a 1991, houve a adequação de redes de esgoto, telefone, limpeza urbana, segurança, praças e entre outros. Foi marcada pela realização de obras que visavam proporcionar bem-estar e acessibilidade para a população e também o resgate da paisagem do bairro.

Tal etapa abrangeu 107.000 m² e 200 construções, que passaram por renovações de infraestrutura, tais como renovação de galerias subterrâneas, construção de redes de telefonia e energia elétrica, iluminação pública, construção de jardins e praças, criação de estacionamentos periféricos, limitando a área de trânsito de carros, criação de vias para pedestres e restauração de escadarias, becos, além da pavimentação das ruas com as pedras paralelepípedos.

A reconstrução da escadaria da Rua Humberto de Campos se deu pela localização de uma foto de 1923, onde é possível visualizar a escadaria. Na época das obras na localidade, no ano de 1988, possuía uma rampa onde era passagem de carros. Após a localização da foto, foi reconstruída a escadaria, auxiliando tanto na reconstrução da antiga paisagem quanto na limitação do trânsito de carros na área. Foi restaurado mais de 40.000 m² compostas por construções como o Convento das Mercês - que um dia foi Quartel militar – e tal área, com 5.800 m², foi também restaurada e abriga a Fundação da Memória Republicana.

A Fábrica Cânhamo, no bairro da Madre Deus, com área de 6.000 m², foi reformada e adequada para abrigar o Centro de Comercialização de Artesanato e Cultura Popular (CEPRAMA). “A marca Projeto Reviver, como ficou popularmente conhecida esta etapa, ficou de tal forma impregnada na coletividade que os cidadãos começaram a trocar o nome do bairro Praia Grande pelo nome Projeto Reviver”. (ANDRÉS, 2012, p. 105).

O Centro de Criatividade Odylo Costa Filho foi construído em uma área de 2.300 m² onde estavam localizados galpões comerciais do porto da Praia Grande. Um centro de ensino, cinema, salas de aula de dança, pintura, teatro, gravura e galeria para exposições, são alguns dos componentes do Centro de Criatividade.

O Museu de Artes Visuais e o Restaurante-Escola do SENAC também foram pontos de destaque. Foi criado e instalado o novo Museu de Artes Visuais, na Praia Grande, restaurados e adaptados dois sobrados que anteriormente eram sedes de indústrias para abrigar o museu.

O local onde o restaurante está localizado foi doado pelo Governo Estadual e o SENAC se responsabilizou pela reforma e adaptação para o funcionamento de uma escola

profissionalizante. Com as obras, a população de São Luís começou a enxergar novamente o Centro Histórico como um ponto de visitação, além de o destaque no cenário nacional se tornar atrativo turisticamente.

8.5 A Quarta Etapa

Ocorreu entre 1991 a 1995 e uma das obras de destaque foi a restauração do Teatro Arthur Azevedo, que se encontrava em situação degradante e estava fechado há mais de quatro anos. O teatro teve sua estrutura inicial resgatada e foram acrescentados elementos novos como sistemas de som e iluminação.

A Fábrica do Rio Anil também foi uma obra de destaque desta etapa. A área com 9.000 m², que foi adquirida em 1990 pelo Governo Estadual, foi restaurada e adaptada para ser o Centro Integrado de Ensino – CINTRA.

Outro destaque dessa etapa foi o Projeto Piloto de Habitação que foi inaugurado em 1993. Possuía o objetivo de resgatar um sobrado que já foi um cortiço para abrigar dez famílias entre antigos moradores e trabalhadores do bairro que moravam no mesmo, bem como o acréscimo de lojas comerciais no térreo para preservar a cultura de construções de casas com áreas comerciais.

O Mercado do Peixe do Portinho foi inaugurado no mesmo ano e sua reforma foi também símbolo de respeito e valorização as atividades portuárias tradicionais ocorridas na localidade. “Assim o projeto (...) de construção de um novo mercado de peixe com boas condições de higiene veio fortalecer a vocação do bairro e disciplinar uma atividade que até então era exercida no mais completo abandono.”. (ANDRÉS, 2012, p.112).

8.6 A Quinta Etapa

Esta etapa ocorreu de 1995 a 2002, marcando o momento onde mais obras ocorreram, sendo destacadas algumas mais adiante. A partir de 1996, a equipe do programa se dedicava a conquistar para São Luís o título de Patrimônio Mundial, e em 1997 foi concedido o título a cidade.

O Cais da Praia Grande foi concluído em 1999, foi implementado a estação de passageiros e cargas com destino a Alcântara e regiões litorâneas do estado. O terminal foi equipado com banheiros, telefones públicos e lanchonetes.

Foram construídos espaços de convívio coletivo como Praça Nauro Machado, Praça dos Catraieiros, Praça da Seresta. Houve a construção da estação de tratamento de esgotos do Rio Bacanga, onde existiam mais de trinta pontos de lançamento de esgoto e auxiliou também na redução de danos dos canais do Portinho.

Foi criado também, em 1999, o Viva Cidadão, com o objetivo de fornecer de maneira simples serviços como emissão de documentos, sendo considerado a união de órgãos públicos das esferas municipais, federais e estaduais.

8.7 A Sexta Etapa

Ocorreu durante os anos de 2002 a 2006, tendo como obras dessa etapa a inauguração da sede da Universidade Virtual do Estado do Maranhão – UNIVIMA, especificamente em 2005. A instalação do Centro Estadual de Educação Profissional em prédio restaurado e adaptado para as atividades acontecerem. Foi instalado também a Sede da Aliança Francesa do Maranhão, a Pousada do Largo do Comércio e o Estaleiro-Escola que, em uma área de 3.000 m², foi o primeiro Centro de Treinamento em atividades de carpintaria naval.

9 A PRAÇA NAURO MACHADO

A rápida evolução do urbanismo fez com que um elevado número de pessoas migrasse do campo para as cidades. As cidades eram vistas como oportunidade de uma qualidade de vida melhor e uma boa oportunidade para um emprego melhor. Vale ressaltar que estas não acompanharam o ritmo do crescimento populacional, acabaram crescendo desordenadamente e, conseqüentemente, surgiram diversos problemas no meio urbano como a falta de segurança, moradores de rua, surgimento de periferias, entre outros.

Mesmo com o desordenamento urbano, as cidades cresceram e são compostas por diversos espaços públicos com suas diversas funções. Apesar de, teoricamente, esses espaços serem para todos, apenas uma parcela pequena da sociedade pode usufruir dos espaços e, aqui, limita-se a fala aos espaços públicos abertos, como as praças.

As praças se configuram como um dos principais elementos do meio urbano. Elemento esse responsável pela qualidade de vida, integração da comunidade, promovem a socialização. Um espaço público bem planejado não beneficia apenas a sociedade, mas também o meio urbano construído.

Hoje, muitas praças estão em desuso, principalmente por existirem alternativas de lazer. Essas alternativas de lazer se tornam prioridade principalmente devido à falta de segurança dos espaços públicos, o que leva a população a optar por espaços privados. Não somente a segurança, mas também a falta de infraestrutura como bancos, iluminação e arborização.

Com o grande crescimento de espaço privados destinados ao lazer voltados para uma parcela da população, e o crescimento populacional nas cidades, os espaços públicos acabam se tornando locais degradados, ocupados por moradores de ruas e pedintes e de constantes assaltos.

Comumente vemos dentro dos planos urbanísticos propostos pelos governos programas de revitalização, que transformam determinados espaços pela cidade, tornando-os “aptos” para a população.

A revitalização desses espaços possui um discurso cultural e social muito bonito, mas precisamos refletir a quem esses espaços estão sendo criados. Quem irá usufruir?

Analisando o espaço onde hoje é a Praça Nauro Machado, a priori era um espaço frequentado por pessoas de classe social baixa, geralmente trabalhadores do centro da cidade e caminhoneiros que estavam entregando e buscando cargas. Isto é, um espaço segregado, que

após o tombamento foi requalificado e se tornou uma praça, visando o bem-estar apenas de uma parcela da população.

A segregação espacial é um processo social que ganha sua materialidade, não sem resistências e conflitos, no modo de produção capitalista da cidade, cujo espaço urbano é fragmentado, hierarquizado, além de ser marcado pela diferenciação e homogeneização destas áreas. Nestas, as diferentes classes sociais tendem a ocupar lugares onde suas condições socioeconômicas lhes permitam viver. (BURGOS, 2015, p.116).

Após a criação da Praça Nauro Machado, essa população que frequentava o espaço se deslocou para áreas periféricas da cidade, locais que geralmente possuíam as mesmas condições anteriores à praça. A revitalização de espaços públicos nos mostra que mesmo com o slogan de promover o bem-estar para todos, na prática, não funciona assim. A transformação desses espaços segrega parte da população que acaba não frequentando alguns locais, seja por falta de acessibilidade - tratando aqui acessibilidade não como meio de transporte, mas de não inclusão a determinado meio.

A contradição é que os equipamentos de uso coletivo públicos construídos pelo Estado, os espaços multiusos, muitas vezes, são qualitativamente piores nos bairros de população pobre e de periferia. Até mesmo os serviços públicos de manutenção e o conteúdo de programação cultural destes espaços são muito melhores nos bairros ricos, quando constatamos na prática, de acordo com a experiência de vida em uma cidade. (SOUZA, 2012, p.87).

O que se percebe nesses projetos contemporâneos de gentrificação é que, se no discurso, propõe-se a recuperação dos edifícios e das ruas, no sentido de devolver à população um espaço heterogêneo de sociabilidade, na prática o que se vê é a “expulsão”, simbólica ou não, do vernacular. (JAYME; TREVISAN, 2012, p.368).

As atividades culturais são usadas como estratégias para unir as diferentes classes no mesmo ambiente. Fora das datas festivas populares (carnaval, aniversário da cidade, entre outras), a quantidade de atividades de iniciativa pública realizadas na praça que promovem inclusão é muito baixa.

O espaço público é um instrumento urbanístico fundamental que organiza a cidade democrática contemporânea, seriamente ameaçada pela dissolução, fragmentação e privatização de seus espaços. No espaço planejado moderno há uma organização implícita que facilita o controle, a ordem de quem governa e a manutenção do status quo. Neste sentido, o que caracteriza o uso dos espaços públicos, nos dias de hoje, é fundamentalmente a cultura do evento ou do espetáculo. (SOUZA, 2012, p.83).

O espaço onde hoje é a praça era primeiramente a sede da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, fundada no período pombalino com o objetivo de incentivar a

agricultura e o comércio. A agricultura se destacava pela produção de algodão e arroz, responsável por tornar o Maranhão um dos centros mais importantes do Brasil Colônia.

Com a falência da Companhia e o arruinamento da construção, o local foi se deteriorando até se tornar um terreno baldio, utilizado como depósito de lixo e estacionamento para caminhões de cargas, até meados da década de 1970, trazendo outra funcionalidade para o espaço.

Os caminhões estacionados na área para descarga de mercadorias acabavam atraindo outras atividades para o ambiente, como as rinhas de pássaros praticadas pelos caminhoneiros e atraíam as prostitutas para o local. Nesse período, o local era conhecido como Praça Canarinho devido as rinhas.

Pode-se notar que, mesmo com as transformações sofridas no espaço, foi mantida sua função econômica mudando apenas as atividades exercidas na área.

Dentro do programa de revitalização que iniciou pelo bairro da Praia Grande existiam propostas para a criação de espaços de uso coletivo e existia também por parte da população que vivia no bairro a demanda de praças no bairro.

A Praça Nauro Machado, com área de 2200 m², foi construída dentro do Programa de Restauração do Centro de Histórico de São Luís, sendo primeiramente nomeada de Praça da Praia Grande. Antes se encontrava um terreno cheio de lixo, com animais transitando e, além do risco para saúde da população, haviam os constantes assaltos devido à área ser deserta durante a noite. Após o nome de Praça da Praia Grande, teve o nome de Praça João do Vale e, em seguida, foi alterado para o nome atual, Praça Nauro Machado.

Após a nova transformação do espaço há uma nova mudança de função. A praça passa por constantes obras desde 1982 e a última foi entregue no ano de 2015. Esse espaço que era de uso econômico passa a ter a função de paisagística.

Atualmente a praça é um dos pontos mais movimentados da Praia Grande, com maior número de frequentadores a partir da quarta feira, produtores optam pela localidade para promover atividades culturais.

A Praça Nauro Machado nos últimos tempos possui maior movimentação a partir das quartas-feiras, tendo seu maior número de visitas às sextas-feiras. De acordo com questionário aplicado com os frequentadores da praça foi possível formar um perfil das pessoas que usam o espaço. Seu público maior é de jovens e adultos, entre os 19 e 35 anos, em sua maioria estudantes, que frequentam o espaço pela popularidade, fácil acesso e pela liberdade. Essa

liberdade que algumas pessoas se referem é relacionada ao grupo LGBTQ+, pois veem no espaço uma liberdade não encontrada em outros ambientes públicos.

Se o espaço público é essencialmente político, um espaço de encontro de diferentes, e os territórios são, muitas vezes, espaços de iguais em conflito, juntos, mas separados por limites e barreiras simbólicas, então, um parque público em Paris, por exemplo, é só aparentemente acessível a todos, aparentemente democrático e “cidadão”. (SERPA, 2013, p. 64).

Figura 7 - Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, 1950.



Fonte: Acervo Digital do IPHAN

Figura 8 - Local onde se encontrava a sede da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, resistindo apenas à construção onde funcionavam galpões e a Alfândega. Foto de Pedro G. Pinto, 1950.



Fonte: Acervo Digital do IPHAN

Figura 9 - Ruínas da sede do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, 1950.



Fonte: Acervo Digital do IPHAN

Figura 10 - Entorno da atual Praça Nauro Machado, em 1966.



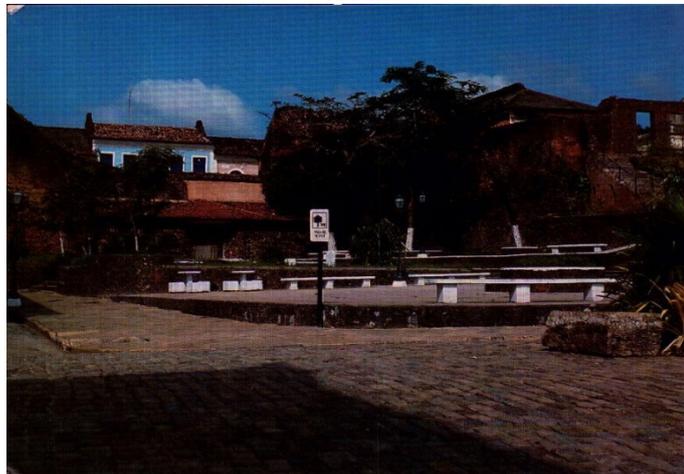
Fonte: Acervo Digital do IPHAN.

Figura 11 - Entornos da sede da companhia Grão – Pará Maranhão (1945).



Fonte: Acervo Digital do IPHAN.

Figura 12 - Resultado da primeira obra realizada, mas foi demolida a pedido do Governador Cafeteira. Ainda não possuía o nome de Nauro Machado. Única foto dessa obra, resultante de um cartão postal feito pelo professor Antônio Guimarães para um amigo, hoje esse único cartão postal se encontra a venda em um site de vendas.



Fonte: Página do Mercado Livre.

Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-958289277-slz-5141-postal-so-luis-m-a-praca-canarinho-_JM>.

Figura 13 - Foto do ano de 2015, ano da última reforma da Praça.



Fonte: Página Notícia da foto.

Disponível em: < <http://www.noticiadafoto.com.br/2015/06/governo-entrega-praca-nauro-machado.html>>.

Figura 14 – Festival BR-135, vista aérea da praça Nauro Machado durante o festival. Foto de TrackMotion



Fonte:

<https://www.facebook.com/festivalbr135/photos/a.334245439964518/1997357170319995/?type=3&theater>

Figura 15 – Praça ocupada durante o período junino



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 16 – Praça ocupada durante o período junino. Palco montado no centro da praça.



Fonte: Acervo Pessoal

Para melhor entender os atuais usos da Praça Nauro Machado, abaixo temos as atividades ocorridas na Praça, identificadas se foram promovidas por parte pública ou privada, no período de junho de 2018 a junho de 2019, período em que a pesquisa foi desenvolvida.

Tabela 2 – Atividades realizadas na praça Nauro Machado

Início do São João	Junho/2018	SECTUR
Programação de férias	Julho/2018	SECTUR
1º Festival Lusófono de Teatro	Agosto/2018	Grupo Harém de Teatro
Programação Parada LGBTQ+	Agosto/2018	Grupo Gayvota
Roteiro do reggae	Setembro/2018	Prefeitura de São Luís
Programação do aniversário de São Luís	Setembro/2018	Prefeitura de São Luís
Show de gravação de DVD da cantora Marília Mendonça	Setembro/2018	Projeto autoral da artista – Te vejo em todos os cantos
Festival de Folclore e Turismo acontece em São Luís	Setembro/2018	WAPA (<i>World Association of Performing Arts</i>), CID (<i>Council Internacional Dance</i>), órgãos ligados à UNESCO
I Festival de Circo	Setembro/2018	Circo tá na rua
Dia Municipal do Regueiro	Setembro/2018	Comissão Integrada do Reggae e Turismo
XII Semana Maranhense de Dança	Outubro/2018	Secretaria de Cultura e Turismo do Estado - SECTUR
13º Aldeia Sesc Guajajara	Outubro/2018	SESC/MA
Festival BR-135	Novembro/2018	Banda Criolina, projeto aprovado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura da Secretaria de Estado da Cultura e patrocinado pela Budweiser
Espectáculo “Todo Camburão tem um pouco de Navio Negreiro”	Dezembro/2018	Grupo Nois de Teatro/FOR
Show Tribo de Jah – Programa Réveillon para todos	Dezembro/2018	Secretaria de Cultura e Turismo do Estado – SECTUR
Réveillon para todos	Dezembro/2018	Secretaria de Cultura e Turismo do Estado – SECTUR
Projeto Mais Cultura e Turismo de férias	Janeiro/2019	Secretaria de Cultura e Turismo do Estado – SECTUR
Pré-Carnaval de Todos –	Janeiro/2019	Secretaria de Cultura e Turismo

Abertura		do Estado – SECTUR
Pré-Carnaval de Todos – Encerramento	Fevereiro/2019	Secretaria de Cultura e Turismo do Estado – SECTUR
Encerramento da Semana de Combate a LGBTFobia – Lançamento do EP Pandú do artista ENME	Mai/2019	Secretaria de Direitos Humanos e Participação Popular (SEDIHPOP) com o apoio do Conselho Estadual LGBT
Exibição do filme “Muleque Té Doido! Mais Doido Ainda!”	Mai/2019	Produzido pelo Departamento de Assuntos Culturais (DAC), realizado pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Empreendedorismo da UFMA
Prévia do São João	Junho/2019	Secretaria de Cultura e Turismo do Estado – SECTUR

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas notícias do site da SECTUR e de Jornais Locais (Imparcial, Imirante, O Jornal Pequeno, O Estado).

Podemos notar que o poder público promove um número maior de atividades durante períodos com datas comemorativas como Carnaval, São João, aniversário da cidade, férias e Réveillon. Fora desses períodos, a Praça praticamente não recebe atividades promovidas pelo Estado. Observa-se também que boa parte dos eventos promovidos visa um grande público e não possuem diversificação nas atividades, causando uma repetição de atividades culturais.

O número de atividades de iniciativa privada e/ou independente que são divulgadas em grandes veículos de comunicação é um volume pequeno. A maioria das atividades culturais realizadas na Praça ocorre de maneira independente, como o Circo Tá na Rua.

Por parte de iniciativa privada, a diversificação das atividades culturais desenvolvidas, shows, peças e festivais, tornando-se muito importante a ocupação desses espaços com atividades variadas. A produção de atividades na área promove mais bem-estar, diversidade, novas dinâmicas dentro do bairro da Praia Grande. A Praça Nauro Machado é um dos principais pontos do Centro Histórico e necessita de mais ocupações culturais.

10 ANÁLISE DE DADOS COLETADOS SOBRE A PRAÇA NAURO MACHADO

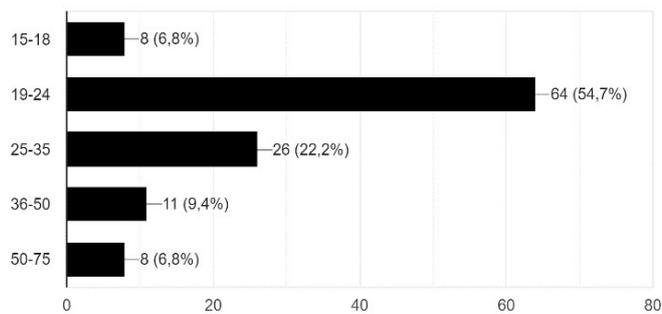
10.1 Questionário aplicado com a população de São Luís e frequentadores da Praça Nauro Machado e do entorno do Centro Histórico

Para entender os fluxos da Praça, formar um perfil dos usuários e entender como a população enxerga o espaço foi aplicado um questionário virtual e presencial, com os frequentadores da Praça e trabalhadores (ambulantes e do comércio) locais. Um total de 117 pessoas participou da pesquisa.

Figura 14 – Faixa Etária.

Qual sua idade?

117 respostas

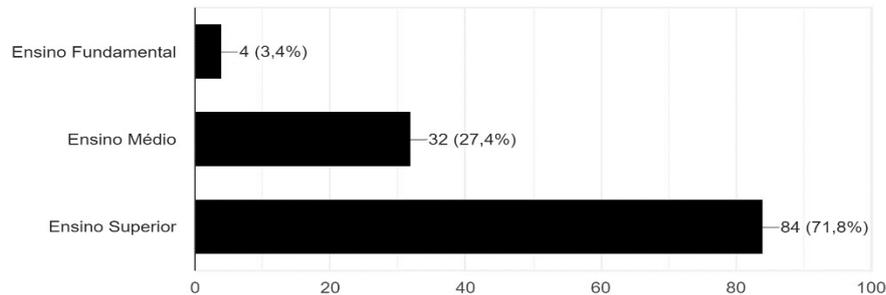


A faixa etária dos participantes da pesquisa varia predominantemente entre 19 e 50 anos. É importante buscar a idade, pois permite já começar a formar um perfil do frequentador da Praça.

Figura 15 – Gráfico de escolaridade

Escolaridade

117 respostas

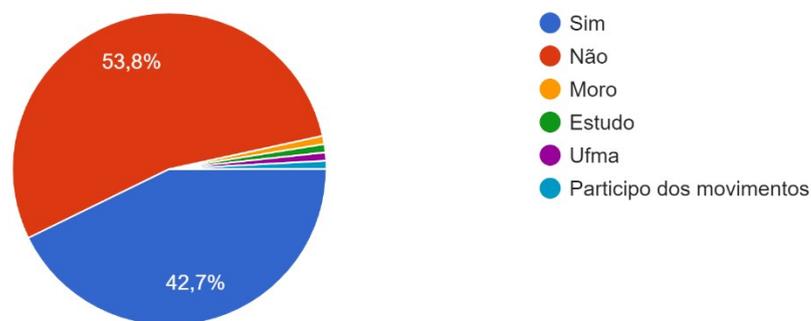


Um total de 32 pessoas afirmou estar cursando o Ensino Médio e 84 pessoas estão cursando o Ensino Superior. Esses dados começam a nos mostrar o perfil cultural dos frequentadores, no qual aponta que quanto maior seu nível educacional, maior o entendimento a respeito da importância do Centro Histórico e de ocupar esses espaços.

Figura 16 – Gráfico com atividades realizadas no centro da cidade

Você estuda, mora ou trabalha no centro da cidade?

117 respostas

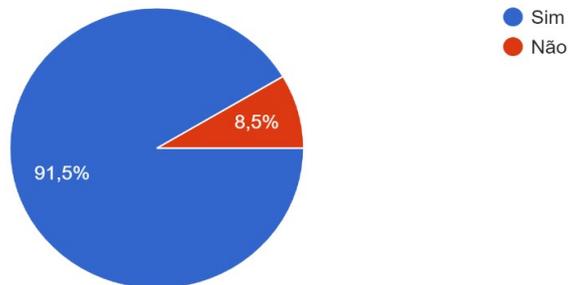


53,8 % das respostas (63 pessoas) falaram que não moram, não estudam e nem trabalham no centro da cidade e 42,7 % (50 pessoas), afirmam trabalhar, estudar ou morar no centro da cidade. Baseado nessas informações nota-se que o público da Praça vem de locais no entorno, ou de locais mais afastados do centro. Apenas um dos entrevistados afirmou morar no centro da cidade.

Figura 17 – Gráfico com dados de frequentadores do centro histórico

Você costuma ir ao centro histórico da cidade?

117 respostas

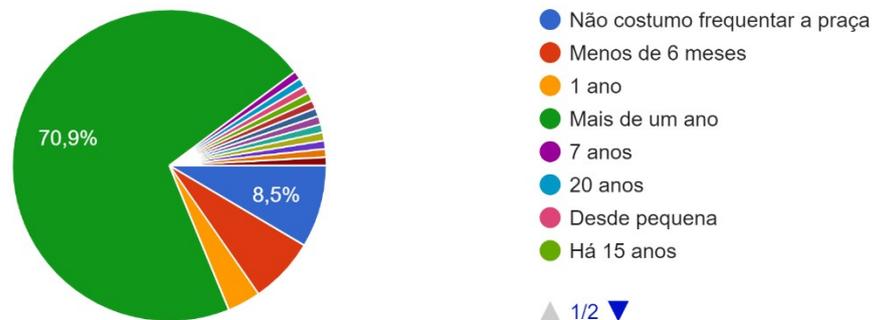


91,5% dos entrevistados afirmam frequentar o Centro Histórico diariamente, o que mostra que as pessoas têm interesse em ocupar e frequentar tal lugar da cidade.

Figura 18 – Gráfico de frequência de visita a praça Nauro Machado

Há quanto tempo você frequenta a praça Nauro Machado?

117 respostas



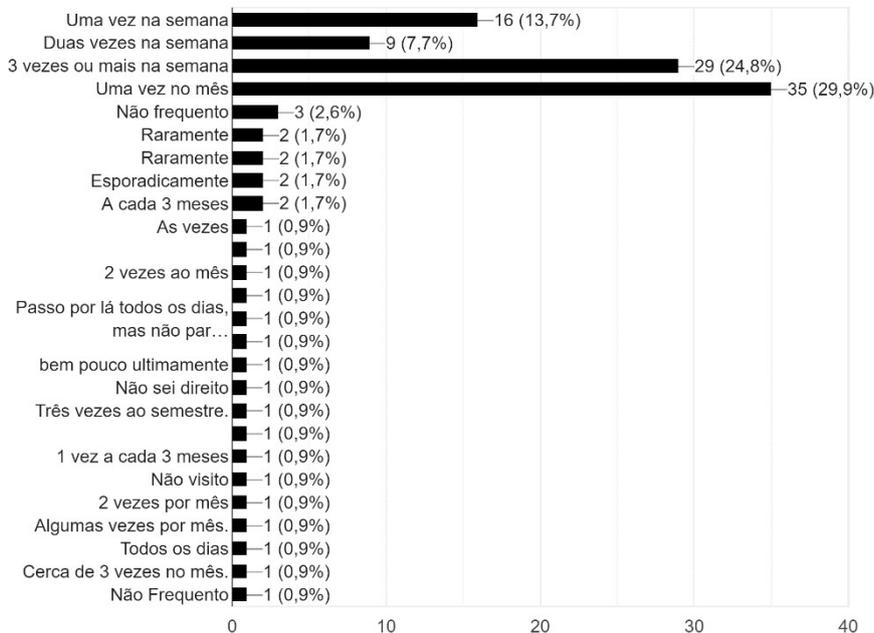
70,9% das pessoas afirmaram frequentar a praça há mais de 1 ano, e 8,5% afirmaram não frequentar a praça. 6,8% afirmaram frequentar a praça há menos de 6 meses e 3,4% afirmaram frequentar a praça há 1 ano. As outras respostas mostradas no gráfico foram respectivamente 0,9% que foram: 7 anos, 20 anos, “desde pequena”, “há 15 anos”, “há muitos anos”, 8 anos, Uma década, mais de 10 anos, “Desde antes do espaço ser qualificado”, 4 anos e “Sempre que venho a São Luís costumo vender adesivos na praça”.

Por ser um dos locais mais movimentados e com mais atividade do bairro da Praia Grande, as pessoas costumam ir para o espaço a fim de lazer e acabam fazendo disso uma rotina dos finais de semana.

Figura 19 – Gráfico com dados de regularidade de visita a praça Nauro Machado

Qual a regularidade de visita a praça Nauro Machado?

117 respostas



Analisando a frequência de visita à Praça, 29,9% dos entrevistados afirmou ir uma vez ao mês. 24,8% afirmou ir 3 vezes ou mais na semana, 13,7% afirmou frequentar a praça uma vez na semana, 7,7% afirmou a ida 2 vezes ou mais na semana, 2,6% afirmou não frequentar a praça, 1,7% responderam raramente frequentar e 3,4% afirmou ir à praça esporadicamente, enquanto 1,7% afirmou ir à praça a cada 3 meses.

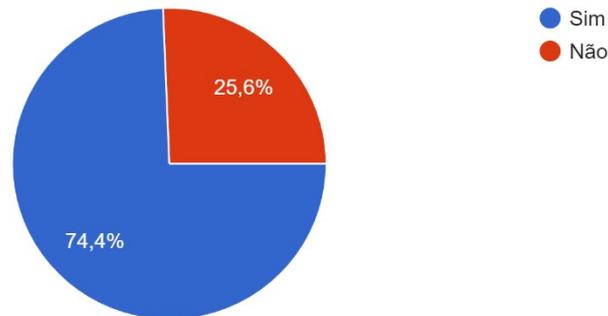
As outras respostas representam 0,9%, respectivamente, com exceção da resposta “2 vezes ao mês” que foi dita por duas pessoas representando 1,8% e 1,8% respondeu que não frequentam a praça.

Apesar de ser uma área movimentada e com bares no entorno, muitas pessoas optam por frequentarem somente quando ocorre alguma atividade. Como explicado na questão anterior, as pessoas fazem do hábito de ir à praça parte de sua rotina, chegando a ir vários dias durante a semana para o local.

Figura 20 – Gráfico de atividades culturais

Você costuma acompanhar as atividades culturais realizadas na praça Nauro Machado?

117 respostas



74,4% dos entrevistados afirmaram acompanhar as atividades culturais realizadas na praça. Apesar de nem todas possuírem grande divulgação, os entrevistados costumam acompanhar via internet, por meio de produtores e costumam chegar na praça e encontrar alguma atividade acontecendo. Os 25,6% afirmaram não ter o hábito de buscar alguma programação na praça.

Quais atividades realizadas na Praça você costuma acompanhar?

Tabela 3 – Atividades culturais mais acompanhadas pelos frequentadores da praça

Época de São João
Nenhuma
Época de São João
circo tá na rua, encontros de brechós e eventos musicais
Festival Br 135
Performances musicais, teatrais
Eventos Culturais, Festivais, etc.
Não acompanho
Festivais ou shows.
Shows
Shows artísticos
o circo na rua, shows, festivais e a arte dos vendedores
Show

nenhuma
Rolezinho
Tambor, roda de rima, e eventos musicais
Nenhuma
Não frequento
shows, rodas de conversas
Circo
Festivais
semanas de arte
Apresentação de São João, atividades relacionadas à arte e cultura local em época diferenciadas
Nenhuma
Shows
Nenhuma
Não acompanho
Apresentações
O circo ta na rua
Música, dança
Circo tá na rua, e algumas atividades em épocas comemorativas
Apresentações, peças, festivais de música, etc
Shows
As atividades livres dos artistas mambembes e acadêmicos de arte
BR 135
Festivais,
São João
Duelo de rimas
Festivais, e movimentos culturais
Festivais, e movimentos culturais
Nenhuma
Eventos culturais como apresentações de grupos artísticos, bumba-boi e eventos feitos pra turismo
Shows, peças etc.
a programação do circo tá na rua e eventos culturais como o festival BR135 ou a FELIS que costumava utilizar a praça como parte de seu circuito
Shows, espetáculo teatral
Shows
Apresentações, shows, as vezes o circo ta na rua
Atividades que o governo leva

Circo tá na rua
Festivais
Shows
Programações culturais. Sarais, mostras de dança/música. Eventos políticos
Danças, shows, roda de tambor...
O circo está na rua e festas culturais
Circo tá na rua
Debates, shows, exposições, circo etc
Festivais, projetos culturais
Ainda não acompanhei nenhum
Apresentações artísticas
Semana de dança, festas juninas, festivais.
Sentar na escada, beijar na boca
Apresentações culturais, shows e etc.
Nenhuma
Tambor de Crioula
Br 135, arraiais etc...
A última vez foi o Festival Br 135
Circo ta Rua, festival BR, arraial, carnaval
Br-135
Circo tá na rua, espetáculos de teatro, shows
Eventos sociais
Mpb, festas culturais
Shows, eventos, manifestações informais
Apresentações de teatro ou eventos artísticos
Shows
do movimento hip Hop organizado Quilombo URBANO
além da música ao vivo, sempre tento está presente nos manifestos artísticos, circo tá na rua e shows organizados pelo governo
Festivais de arte
Shows, manifestações culturais e etc.
Shows e manifestações culturais
Atividades culturais como BR 135, apresentações de grupos juninos entre outros.
Eventos artísticos
Shows, apresentações culturais e outros.
Militâncias, o circo tá na rua entre outros.

Manifestações, atos políticos, festivais de músicas e danças
Circo na rua e batalha de rap
Shows, feiras, festas juninas, festivais
Shows, peças, apresentações culturais
Circo tá na rua, festivais, roda de amigos, shows
Circo, shows, protestos e outros
Manifestação, exposições, coisas ligadas a cultura
Show
Sempre passo as quartas, quintas e sextas por ter uma maior movimentação.
Br 135
Não Acompanhho
São João e shows
Não Acompanhho
Shows, festivais
Festivais, shows
Shows e festivais
shows e festivais
Nenhuma
Nenhuma
Tambor de crioula, capoeira, shows e festivais
Shows e eventos
O circo tá na rua, programações de carnaval e são joão
apresentações teatrais e shows
apresentações teatrais e shows
todas por causa do mercado
todas
shows
apresentações artísticas e shows
apresentações regionais e artísticas
apresentações regionais e artísticas
apresentações regionais e artísticas
todas
shows e eventos
shows e apresentações artísticas

Os entrevistados em sua grande maioria afirmam que costumam acompanhar shows, festivais, as atividades do “Circo Tá na Rua” e atividades da cultura local como tambor de crioula, apresentação de bumba-boi, entre outras. A Praça é marcada por receber shows e festivais como o BR-135.

A importância de diversidade de atividades na praça seria ideal para a inclusão de outros grupos neste espaço. Atualmente a decoração junina no Centro Histórico tem levado diferentes grupos sociais que não costumam frequentar essa localidade para a área.

Quais atividades você gostaria que acontecessem na Praça Nauro Machado?

Tabela 4 – Atividades que os frequentadores gostariam que acontecessem na praça

Peças de teatro gratuitas
Divulgações folclóricas e de costumes
Peças de teatro gratuitas
feirinhas de comida e artesanato
Sarau literário
Teatro de Rua de qualidade
Atividades acadêmicas, como mostras científicas.
Festivais de dança, teatro, shows de artistas locais
Festival de danças
Eventos pela manhã e domingo
Mais shows e apresentações artísticas
exposição de fotos
Peças de teatro
música e entretenimento
Festa eletrônica
não as atividades, mas a frequência com que ocorrem. Turistas por exemplo, só tem a oportunidade de ver algo nos fins de semana
Alguma coisa no são João, feirinhas, show de música, alguma coisa relacionada a exercícios físicos
Shows não frequente
atividades culturais
Circo, apresentações musicais
Artísticas (música)
mais semanas desse tipo
Mais atividades direcionadas ao público LGBT
Palestras, cursos, leituras

Tambor de crioula, circo de rua
Rodas de conversas, exposições artísticas, eventos literários...
Atividades culturais que valorizem a cultura local
Atividades literárias
Mais manifestos culturais
Cinema na praça
Mais atividades culturais
Feirinha
Oficinas de artes visuais e artes plásticas
Programações culturais
Rodas de conversas, shows, exposições
Mais atividades lúdicas infantis.
Doações para os desabrigados, duelo de danças, exposições de poesias e que continuassem com o movimento cultural de hip hop (batalha de rima)
Saraus e atividades físicas como ioga, zumba e outros
Saraus e atividades físicas como ioga, zumba e outros
Dança
Shows, ou djs com músicas pelo menos nos dias mais movimentados
Mais shows
a praça e o entorno poderiam ser mais utilizados por escolas para atividades culturais ao ar livre
Palestras culturais
Mais tambor
Mais shows
Algo cultural, peças, shows
Gostaria de mais festivais tipo o BR135
Atrações culturais
Shows de artistas locais e de fora com maior frequência
Esportes
Mais atividades culturais (exposições, feiras de livros, rodas de capoeira)
Atividade de conscientização sobre o cuidado com o espaço do centro histórico
Exposição de telas, brechós, apresentações de teatro/dança, música
Teatro, mais exposições de arte e/ou história, eventos culturais
Roda de samba, shows
Shows
Mais apresentações artísticas. Está pouco.
Feiras

Música ao vivo
Teatro de rua, performances, feiras e etc.
Mais shows, rodas de bate-papo sobre assuntos sociais etc.
Poesia
Mais eventos de música
Batalha de Rap e oficinas interativas
Mais festividades com MPB, rock
Mais eventos musicais
Feiras de produtores locais, mostras de cinema ao ar livre, práticas de lazer, dança, fomentados e apoiados por órgãos públicos
BR – 135
Música eletrônica
Atividades mais familiares, como brincadeiras pra crianças e atividades pra idosos
Atividades de arte, mostras de filmes
Atividades infantis
catarse
Apresentações informais de entidades estudantis, como a UFMA e UEMA
Palestras sobre o meio ambiente
Atividades que representem a cultura local
Show e feiras culturais
Mais manifestações para o público LGBT
Eventos culturais, tambor de crioula, capoeira, música ao vivo
Mais teatro de rua. Saraus.
Reuniões, apresentações entre outros.
Palestras e debates sobre os diversos problemas da sociedade contemporânea como drogas, aborto, legalização de ambos, militarização da vida, genocídio da juventude negra, indústria do sexo, o pacto jurídico-midiático no Brasil, entres outros temas.
Atividades que fortalecessem a cultura e diversidade
Mais eventos culturais, principalmente na sexta, como por exemplo, shows de artistas locais
Rodas de conversas, feiras de empreendedorismo e de produtos locais, apresentações culturais regularmente.
Exposição de artista maranhenses
Mais manifestações artísticas
mais eventos culturais
Teatro
Feirinhas, exposições de arte (livre), ocupação, músicas, contações de histórias para crianças, intervenções urbanas.
Atividades de conscientização sobre o uso adequado do local, respeitando a estrutura, os moradores e os frequentadores.

Não sei dizer
Festas infantis, chorinhos, poesias, valorização cultural
Não Acompanh
Mais shows, mais atividades de valorização da nossa cultura,
Apresentação de novas culturas, mais shows, mais atividades para os turistas
Mais atividades voltadas para os turistas
Atividades culturais para os turistas e mais shows
Eventos Evangélicos
Valorização da cultura
Mais eventos, shows, atividades da cultura local
Mais festivais, mais tambor de crioula, mais cultura local
mais shows de artistas locais
mais eventos de movimentos artísticos
mais eventos de movimentos artísticos
mais eventos de música popular
shows grandes e forró
mais eventos e shows
feirinha que acontece na benedito leite e mais apresentações artísticas
mais shows e atividades artísticas
mais shows e atividades artísticas
mais shows e atividades artísticas
mais shows e eventos
ação social, eventos e shows
mais shows com uma estrutura melhor

A maioria dos entrevistados gostaria que houvesse mais shows, feiras, teatro, mais atividades que mostrassem a cultura local, bem como atividades relacionadas ao cinema, atividades artísticas, shows.

Nota-se uma variedade entre as respostas dos entrevistados, concluindo que a população deseja mais variedade quanto às atividades e que as mesmas sejam mais recorrentes.

O que atrai você para a Praça Nauro Machado? (programação, localização, etc.).

Tabela 5 – Atrativos da praça Nauro Machado

Programação
Localização
Programação
localização e preços
A historicidade do ambiente
Único lugar no centro com rolê gratuito e não tão ruim
O espaço, as pessoas, a música, a companhia.
Por estar no centro histórico
Ambiente prazeroso e a localização no centro histórico.
Localização
Programação e localização
a aura
Programação
localização
Localização
localização
Nada
Não frequento
a descontração, as pessoas, as comidas e bebidas
Localização
Arquitetura histórica e ambiente de liberdade
bebidas, comidas e local em si
Localização
Localização
Programação e os barzinhos
Socialização com amigos
A história da cidade
Localização
História.
Programação
Localização, bom pra marca rolê
Programação, música, pessoas, etc.

Bar
A espacialidade plana da praça, embora ela seja desconfortável durante o dia p q não tem sombra.
Programação
Atmosfera do lugar e localização
Localização
A localização, o contexto histórico e o espaço bem harmônico.
Festival Br e a “liberdade” que o movimento lgbtq+ tem no espaço
Festival Br e a “liberdade” que o movimento lgbtq+ tem no espaço
Sua beleza, mas é insegura
Amigos e ambiente com pessoas diversificadas
Localização
O circuito cultural que acontece, geralmente, no segundo semestre do ano. A localização também contribui pois é passagem para muitos pontos turísticos, da vida noturna e comerciais do projeto reviver
Localização
Programação
Bares ao redor, programação (quando tem) e para estar com os amigos
Programação às vezes e o local é bonito
Um espaço amplo perto da faculdade
Localização e arquitetura
a arquitetura do local, as pessoas que costumam frequentar, bebida, comida e música
Programação e localização
A mistura de várias tribos em um só local
Localização
Diversidade de pessoas, local bonito e com muitas opções de bar
Programação
Programação
Programação
O espaço aconchegante, as pessoas e as programações
programação
Localização
Localização.
A batata-frita. Comidas e bebidas mais baratas.
Paisagem
O ambiente
Ambiente descontraído
A toponímia do lugar

Lugar bonito
Diversidade, atmosfera do lugar, fluxo cultural.
Nada
Programação e música
É o centro criativo e pulsante da cidade. Onde tudo acontece.
Localização, lanche, os museus entorno
Localização
assuntos profissionais
é bem localizada, a música ao vivo em um ambiente acolhedor
Localização
Programação, localização e afinidade com pessoas que gostam daquele espaço
Diversidade
Programação e o espaço em si
Localização
A tranquilidade dos encontros nos dias de calma.
Localização e por ser uma praça que tenho um apego muito grande.
O aspecto turístico do lugar, a diversidade de pessoas e estilos que frequentam o ambiente e boas companhias.
O envolvimento entre jovens de vários bairros
Programação
Programações gratuitas, localização
Roda de amigos, bares, circo
A tranquilidade do local, a gente poder sentar e conversar sem se preocupar
O espaço, o fato de ser no centro histórico, as pessoas, etc.
Amigos
A movimentação de pessoas, afinal, eu vendo adesivos e meu público alvo são jovens. Percebo uma movimentação forte por parte dos alunos da universidade e jovens que vão se encontrar pra criar memórias enfim.
Eventos que ocorrem no centro histórico e o agrupamento de pessoas e bares ao redor da praça.
Não Freqüento
as atividades
Não freqüento
Localização e o movimento
A popularidade, a localização, o movimento
Localização e movimentação
A localização, a popularidade, o movimento
Não freqüento

Não frequento
Localização, diversidade de pessoas, movimento, história
Localização e a movimentação
localização, mercado e movimentação
localização, movimentação, mercado
localização, movimentação, mercado
localização, mercado, movimentação
programação, mercado, movimentação
mercado e movimentação
localização e movimentação
localização e movimentação
localização e movimentação
localização e movimentação
mercado
mercado, ambiente, movimentação
mercado e localização

A maior parte dos entrevistados respondeu que frequentam a Praça pela localização e movimentação. A Praça Nauro Machado acabou se tornando um ponto de encontro fácil no Centro Histórico.

A Praça sempre possui um fluxo intenso de pessoas, principalmente aos fins de semana devido aos bares com músicas no seu entorno e os mercados localizados nas proximidades. O fácil acesso a mercados, pessoas e lazer torna a Praça um local muito atrativo principalmente ao público mais jovem que frequenta o local.

Qual sua opinião sobre a realização de grandes eventos na Praça? (bom ou ruim, a importância etc.).

Tabela 6 – Opinião sobre a realização de grandes eventos

Ótimo, é uma ótima oportunidade para revitalizar o centro histórico
Bom, deve ser mais explorada
Ótimo, é uma ótima oportunidade para revitalizar o centro histórico
são bons, mas na maioria das vezes mal estruturados ☹
Muito ruim. Espaço inadequado para grandes eventos devido ao tamanho.
Justo, porém, a estrutura infelizmente é precária
Bom, pois valoriza cada vez mais o centro histórico que tantas vezes é malvisto.
Ótimo. De grande importância para a valorização da cultura maranhense e para incrementar o turismo na cidade
Acho importante para dar mais visibilidade e revitalizar esse ambiente importante da nossa história.
Muito importante
Bom
Acho bom. Traz visibilidade pra praça e ao centro histórico em sim.
Bom. Pois promove o centro histórico para que mais pessoas possam conhecer outros pontos turísticos.
É bom e importante para as pessoas da cidade ficarem mais próximas da cultura local
Importante
Bom
Acho bom, pois assim mobiliza mais as pessoas a frequentarem o local público, é ruim só por conta da falta de segurança e caso as pessoas gerem lixo também
Deve ser importante
Acho de uma relevância grande, porque estimula a ocupação dos espaços públicos
Elevado grau de relevância
Faz difundir arte para camadas da população com baixo poder aquisitivo
bom demais
Bom. Pelo destaque e estímulo à ocupação do espaço histórico e cultural da cidade
Acho válido, porém a população precisa aprender a ter responsabilidade com seu lixo: depois doa eventos a Praça fica imunda.
Ótima
É importante para o fortalecimento da cultura e socialização das pessoas.
Ruim. Falta de estrutura
Médio – bom
Importante, causa da valorização dá praça.
Bom. Oportunidade de conhecer vários trabalhos
Acho importante, fica acessível p muita gente

É muito bom, é uma forma de lazer saudável.
Bom, valorização do centro histórico
Acho bons, é um espaço muito ativo de forma livre ou oficial
Regular
Bom, porém precisa de mais logística e segurança
Bom, desde que respeitadas as regras de capacidade e uso do espaço.
Muito bom, e muito importante ter movimentos culturais diversificados.
Importante, pois nos remete a utilização do espaço que é considerado público
Importante, pois nos remete a utilização do espaço que é considerado público
Bom, desde que seja seguro
Bom
Necessário para a revitalização do centro da cidade
Tem grande importância para a movimentação, valorização e revitalização do projeto reviver e do centro histórico em geral.
Importante para a valorização cultural de São Luís
Muito importante para incentivar a visitação no centro histórico
Ótimo. Acho que a praça tem um público com várias coisas em comum, e eventos voltados para esse público seria algo muito rico.
Média, por um lado que traz um lado econômico pra cidade e o lado ruim desses grandes eventos é a falta de policiamento, como ocorreu no show de Marília Mendonça
Eu amo, tanto pelo local ser perto de onde eu resido, quanto pelo espaço e a energia que ele me traz.
Ruim
bom, mas precisa ter policiamento
Bom e importante para a ocupação do espaço e para a economia local
É de grande importância para espalhar a cultura
Ruim, pois o espaço é pequeno pra eventos de grande porte
Acho muito bom, porém acho que deveria ser organizado de uma forma melhor, para que não ocorra depredação da praça ou coisas semelhantes
São bons eventos de forma geral, mas que acabam sendo mal visto pela falta de segurança e grande número de furtos e assaltos.
Já tive experiências muito boas, mas muito ruins também, depende da segurança e logística
Bom e de grande importância
É de extrema importância que eventos aconteçam pra movimentação e ocupação dos espaços culturais.
Importante pois considero que a ocupação dos espaços ajuda a lembrar que deve ser cuidado
Muito bom
É um local relativamente pequeno em comparação a outros como a praça Maria Aragão por exemplo, porém se situa num lugar muito bom para quem usa transporte público e é de fácil acesso.
Acho bastante importante por auxiliar na revitalização do centro histórico. Todavia, eventos deveriam ser descentralizados desse espaço e irem para outros espaços no centro histórico tbm. Visto que muitas ruas ficam desertas e sem nenhuma cobertura policial.

Ruim
Bom para atrair mais pessoas para o centro
Ajuda na economia
Muito importante, pois é um lugar que abrange todas as culturas e todo tipo de gente
Bom, importante visibilidade
Acho ótimo, atrai mais pessoas para o centro da cidade, desmistificando, em partes, estigmas de violência e marginalização. Faz circular nossa produção cultural, promove o acesso à cultura e lazer à população.
Bom só tem que melhorar
Ruim, pois não há segurança e frequentemente acontece briga
Super importante desde que bem cuidado no pré, pós e durante evento.
Bom
Não muito bom. Algumas pessoas depredam o local
ruim
bom, tem dado acesso a artistas que normalmente não são de tão fácil acesso para toda a população
Bom
Bom
Bom
Acredito que seja bom, de grande relevância uma vez que ajuda a manter o centro histórico da cidade mais frequentado e possibilita que todas as pessoas possam ter acesso à cultura do estado e do Brasil.
Muito bom
Não concordo com grandes eventos na praça.
Importantíssimo ter eventos e serem divulgados.
Bom. Gosto muito da Praça, mas penso que para certos eventos, a Praça se torna um lugar inapropriado, principalmente pelo tamanho do lugar.
Desde que seja em prol dos jovens ótimo
Bom. Pois movimentava o centro histórico.
Um ótimo espaço para cimentação e valorização da cultura local
Bom
Acho bom e ruim ao mesmo tempo, eventos grandes ajudam na divulgação do local, mas ao mesmo tempo, ele não tem uma infraestrutura suficiente para eventos grandes. Após um grande evento a Praça tá sempre mais depredada!
Acho importante, mas não há estrutura para receber muita gente
Bom, mais deveria ter mais segurança
Eventos grandes são importantes para um melhor acesso da comunidade por que está sendo produzido em núcleos. Possibilitar aproximações entre pessoas enfim. Mas a grande problemática é o lixo. Quanto maior o evento, maior a acumulação de lixo na rua.
Ruim, a Praia Grande não comporta um grande público, as ruas estreitas não são seguras para fuga caso ocorra um acidente no local, as várias ruas da Praia Grande e o grande número de pessoas concentradas permite um aumento de pessoas que vão para roubar e conseguem fugir com tranquilidade, mesmo havendo um posto policial no local, o grande número de pessoas em frestas como o BR 135 colocam em risco a estrutura histórica, as pessoas mijam nos casebres, riscam as paredes, pixam e fazem grafite (que são manifestações culturais, mas

essa estrutura exige tipos de 83austina 83austina83o83 para manter a manutenção do local, como tintas específicas).
Boa
Boa, pelos turistas e a a atração para a população vim ao centro
Não é bom pois a praça não possui estrutura
Muito boa
Muito boa
É muito bom
Muito boa, traz um público maior ao centro
Não acho apropriado
Acho muito bom
Acho muito bom
Muito boa
é bom, a localização facilita acontecer e movimenta a cidade
é bom, movimenta a cidade
é bom, movimenta a cidade
é bom, porque atrai turista
é bom, movimenta o mercado
é bom
é bom, movimenta a cidade e promove inclusão
é bom
é bom
é bom
é bom
é bom, movimenta a cidade e atrai turista

A maioria dos entrevistados considera boa a ideia de um grande evento ocorrer na Praça, pois atrai público para o centro, e, para os trabalhadores, é um bom momento para aumentarem as vendas. Eventos de grande porte como o Festival BR-135, que atrai um público grande para a Praça, apesar de trazer para o espaço determinada diversidade e integração, geram alguns transtornos como, por exemplo, o lixo em abundância e a superlotação do espaço.

O que você acha que é necessário melhorar na Praça Nauro Machado?

Tabela 7 – As melhoras que deveriam ocorrer na praça

Segurança
Segurança
Segurança
a segurança
Arborização
Segurança, espaço e estrutura
Limpeza.
Melhoria na infraestrutura, ação do poder público para a realização de eventos
A sugestão é que haja melhoria no acesso. Quanto às praças, acho a estrutura boa.
Banheiros e segurança
Segurança
o cuidado dos próprios frequentadores
A conservação da praça
segurança
Reforma
Maior importância em outros dias da semana também
Segurança e infraestrutura
Estrutura
a segurança, mais atividades culturais com a presença de artistas locais
Limpeza
Banheiro público
segurança
Estruturação maior da segurança
Ter mais árvores
Sim
A segurança
Segurança, iluminação, limpeza
Limpeza
Segurança
Segurança
A segurança de modo geral e ter mais cuidado com a praça pela população
Iluminação, segurança.

Segurança
Arborização, e bancos de madeira. Os poucos, bancos de madeira foram retirados e colocados uma plataforma de concreto q esquerda durante o dia e exala muito calos nas primeiras horas da noite.
Mais policiamento e cuidado com o local
Infraestrutura não só do local, mas ao redor, segurança
Não sei opinar.
Aparentemente nada,mas talvez mudar o cenário com obras feitas por grafiteiros e tornar a praça mais aconchegante aos olhos...
A arborização e acessibilidade
A arborização e acessibilidade
Segurança
Mais segurança, melhor iluminação, e limpeza dos lugares públicos, como banheiros. Porque fedem muito a urina e acaba afastando as pessoas.
Segurança e acessibilidade
A limpeza da praça e a segurança
Reforma
Segurança
A segurança melhorou bastante, então acho que só aumentar e diversificar as programações
Mais policiamento
Os bancos
Conservação
policiamento e consciência de quem frequenta para não poluir o local
Infraestrutura
Estrutura e a conservação
Mais policiamento
Segurança, mais bancos pra sentar (pois os que existem estão quebrados)
Segurança e estruturação
Segurança e logística
A segurança nos eventos
Infraestrutura
cuidado
Limpeza, segurança
Acho que não deveriam ter tirado as arvores.
Maior segurança e programações culturais.
A infraestrutura
Segurança
Segurança

Mais segurança quando houver festividade
Segurança
Saneamento básico, estrutura de coleta seletiva, estruturação de programações frequentes que mantenham a constância da ocupação do espaço.
Tudo, estrutura,
Segurança
Bancos que foram retirados
Não sei
Banheiros públicos
atos políticos socialistas
segurança e infraestrutura
Acessibilidade
Segurança
Infraestrutura
A preservação do espaço
Segurança
Manutenção. Cuidado com as árvores. Evitar o esgoto a céu aberto; cuidado com os banheiros e manter sempre limpa e iluminada toda a área.
Segurança
Ter bancos para sentar. A insuficiência de bancos na Nauro sempre me incomodou.
Apoio das entidades públicas nas atividades
Segurança. Acho que é mais reforçado na sexta, e poderia ser nos outros dias tbm
Cestas de lixo mais chamativas junto a campanhas de conscientização da população.
Ter mais lugares pra sentar e árvores, o que tinha antes, mas foram retirados na última reforma
A infraestrutura do local, mais equipamentos urbanos.
Trazer mais vegetação visto que removeram as que haviam
Infraestrutura
Policiais pararem de ficar abordando e dando baculejo no povo preto TODA HORA. A segurança tem que existir, sim, para todos nós. Mas a polícia oprime o espaço e mina nossa existência nos lugares.
A segurança pública, o posto policial não garante a segurança no local e os policiais não estão preparados para atuarem nesse local, a Praia Grande reúne LGBTs, negros, simpatizantes ao Raggae, moradores de rua, ambulantes, 86austina de drogas, 86austina de maconha, deveria haver ali uma Guarda Especial de Polícia, instruída para trabalhar especificadamente com a diversidade que o bairro comporta.
Segurança
Segurança e banheiros públicos
Segurança
Limpeza, segurança
segurança e limpeza

Segurança e limpeza
Segurança, estrutura, retirar os pedintes, acessibilidade
Menos LGBT, acho que não é o local adequado para famílias frequentarem.
Segurança e limpeza
Segurança, viabilidade (acessibilidade), a estrutura, mais árvores
Segurança, limpeza, retirar os moradores de rua
locais pra sentar, mais árvores e mais eventos independentes
mais eventos, banheiros, segurança
mais eventos, banheiros, segurança
ter mais banheiros e mais segurança
banheiros e segurança
diminuir a quantidade de gays e lésbicas que frequentam a praça
coleta seletiva, banheiros e segurança
banheiros, segurança e acessibilidade
banheiros, segurança e acessibilidade
banheiros, segurança e acessibilidade
nada
segurança e banheiros
aumentar a quantidade de banheiros e melhorar a segurança

Muitas respostas falam a respeito de segurança e limpeza. Apesar de existir um posto policial na Praça, ainda não é suficiente para resolver o problema da segurança pública no espaço. É necessário que a polícia estabeleça e mude suas estratégias e aja com respeito diante da diversidade de grupos sociais que frequentam a Praça.

A limpeza é também um problema recorrente do local, uma vez que faltam lixeiras no local, as que existem são distantes e não são suficientes para comportar a produção de resíduo. Foi ressaltada, principalmente pelos trabalhadores ambulantes, a ausência de banheiros públicos ou químicos.

Alguns entrevistados também responderam que gostariam que houvesse mais arborização. A quantidade de vegetação na Praça é muito pequena, as árvores contribuiriam para a manutenção do microclima e para a estética.

Devido à diversidade de frequentadores e grupos de diversas identidades, alguns entrevistados acham que é um problema a presença de alguns grupos no espaço, com a justificativa de que famílias não poderiam frequentar o espaço devido a isso. O espaço público

é um espaço para todos independente de raça, sexualidade, classe social, ou seja, todos devem ter o mesmo direito de usufruir do espaço que quiserem.

Além da Praça Nauro Machado, quais outros espaços públicos você frequenta no Centro Histórico?

Tabela 8 – Espaços públicos no centro histórico que os entrevistados costumam frequentar

Deodoro
Praça Benedito leite
praça do reggae e Faustina
Feirinha, Praça do Reggae, Benedito Leite, redondezas do palácio dos leões
Todo o centro
Pubs, museus e cafés
Museus, Casa das tulhas, outras praças
Palácio dos Leões, casa do Maranhão e barracas de comidas típicas.
Catarina mina
Sim
museus, restaurantes, bares, a feirinha etc
Museus, Praça Benedito Leite.
Praça do palácio dos leões
Sim
Praça da Faustina
Terminal de integração
Feirinha
feirinha e bares
Fonte
Bares e museus
fonte
Feira da Praia Grande (Casa das Tulhas), Casa do Mestre Amaral, Feirinha da Praça Benedito Leite
Praça D. Pedro II, Rua Grande, João Lisboa, Praça Benedito Leite.
Fonte do Ribeirão e as outras praças da região
Palácio dos Leões, Centro Cultural Vale Maranhão
Não frequento
Rua Grande, Igreja da Sé
Palácio dos leões

Odylo Costa Filho
O reviver todo
Centro de criatividade odylo, cine Praia Grande, casa do Maranhão, teatros, museus.
Odylo, Benedito leite
Sou morador do centro histórico. Uso muito a praça do pescador e a quadra e equipamentos esportivos desse complexo. Infelizmente não podemos usufruir do Aterro do Bacanga como um parque de lazer. O local vive em completo abandono. Só serve pra bares, 89austina89o, lixeiro e alojamento de bandidos. Esse lugar deveria ser uma área verde segura, esportiva e Marina de dos barcos pesqueiros, i staleiro.pra preservação das técnicas de construção da barcos. Também restaurantes para função turística.
Fonte do Ribeirão
Outras praças, museus, restaurantes e bares, teatros e centros de criatividade
Bares, e as praças.
Algumas casas de festas, alguns museus, a fonte do Ribeirão,escadaria,praça Benedito leite,a biblioteca,praça do reggae e vários pontos turísticos.
Praça Nauro macho e ocupações culturais como o “ reocupa “
Praça Nauro macho e ocupações culturais como o “ reocupa “
Palácio dos Leões
Praça Benedito leite
Centros culturais, museus e teatros
O teatro Odylo Costa Filho, o entorno do palácio dos leões
Casa do Maranhão, Casa da Cultura Josué Montello
A praça do palácio dos leões
Praça da criança quando tem reggae
Nenhum
O centro histórico em geral
Praça Benedito leite
na feirinha da benedito leite
Museus e teatros
Museus, bares e a feirinha
Praça Benedito Leite e praça Pedro II
Praça do reggae, Odylo, praça Benedito Leite
Museus, bares e restaurantes
Outras praças
Já frequentei o Palácio dos Leões
Museus, outras praças, teatros, centros culturais etc
Área do Palácio dos leões e casarões.
Praça João Lisboa, feirinha do reviver
Feirinha, praça Benedito Leite.

Geralmente vou no espaço da Vale que promove eventos culturais. Costumo ir no Convento das Mercês quando tem algum evento aberto ao público e tbm costumo ir na praça benedito leite e palácio dos leões.
Centros comerciais e a praça da Faustina.
O entorno da beira mar
Praça Benedito Leite
Feirinha
Escola de música, palácio dos leões, praça da refesa...
Praça da Reffesa, Praça Benedito Leite, Praça da Faustina
Feirinha
Praça soa benedito
Normalmente todas os casarões são alvo de visitas por minha parte, uma vez que sou arquiteto e muito me interessa esse convívio.
Os Museus, as praças
Praça Benedito leite. Rua da estrela, feira da tralha
rua 28
praça benedito leite, museu do reggae, palácio dos leões
Todo o Centro Histórico
Os demais espaços adjacentes
Centro histórico/Reviver
Praça Benedito Leite com a programação da feirinha são Luís
Praças aos redores e feirinha
Sou moradora do centro, aproveito de modo intenso toda área
Casa do tambor, Feirinha São Luís, Museu da vale entre outros.
Prédio de Arquitetura da Uema, Feirinha, Odylo, Senzala, CCV
Praça do reggae, Praça benedito leite
Feira, casa do tambor de crioula, centro cultural da Vale, praça do reggae, praça Benedito Leite.
Praça do reggae, casa do Maranhão, casa do nhozinho, praça benedito leite, centro odylo costa filho
Praça da Faustina, Feirinha, etc
As Praças em geral
Museus, restaurantes, faculdade, bares, etc
Feirinha Benedito leite
Os museus, e as ruas.
Boates como a Observatório, Cidade Velha Pub, Sinuca Bar, a Residência Upaon Açú – Reocupa, o Centro de Criatividade Odylo Costa Filho.
Palácio dos Leões
Igreja, Palácio dos Leões, Odylo Costa Filho
Não frequento

Praça Benedito Leite
Benedito leite
Feirinha da Benedito leite
Museus, centros de cultura, palácio dos leões, praça benedito leite,
Nenhum
Nenhum
Palácio dos Leões, Praça Benedito Leite
Praça Benedito Leite
praça da criança, praça dos catraeiros, praça da 91austina, beco catarina mina.
Praça benedito leite, centro de criatividade odylo costa filho, museu do reggae, teatro
praça benedito leite, centro de criatividade odylo costa filho, museu do reggae, teatro
tudo
tudo
tudo
todos
tudo
todos

A maioria dos entrevistados respondeu que frequentam outros locais além da Praça Nauro Machado, o Palácio dos Leões, e principalmente a Praça Benedito Leite, onde acontece, em suas proximidades, normalmente aos domingos, a Feirinha.

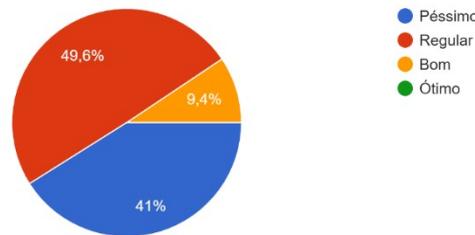
A Praça Nauro Machado em relação a outros espaços do Centro Histórico, apesar de semanalmente esta receber mais visitantes, percebe-se um déficit de manutenção comparada a estes outros espaços onde possuem programação apenas aos domingos, como o caso da Praça Benedito Leite.

Isso se explica, principalmente, pelo espaço da Praça Benedito Leite, ter uma programação voltada para um grupo de classe média e alta, havendo a necessidade de manter um padrão de qualidade alto naquele espaço.

Figura 21 – Gráfico de avaliação do estado de conservação do centro histórico

Como você avalia o estado de conservação do centro histórico de São Luís?

117 respostas



Os entrevistados avaliaram em sua maioria como regular o estado de conservação do Centro Histórico. Os 49,6% falaram que não está ruim, mas precisa melhorar em diversos aspectos estruturais e precisam desenvolver mais atividades para o público.

Os 41% que classificaram como péssimo, comentaram que o Centro Histórico está abandonado, precisa de reformas de melhorias, mais ações de limpeza e principalmente de segurança.

Os 9,4% que classificaram como bom, responderam baseados em comparação a outras cidades, afirmando que relação a outros centros históricos, o de São Luís está bem conservado.

Analisando os dados coletados podemos concluir que os entrevistados gostam do ambiente do Centro Histórico da cidade, por questões identitárias relacionadas ao espaço e pelas atividades culturais que ocorrem no espaço e na Praça Nauro Machado.

10.2 Entrevista com produtora cultural

Entrevista realizada com a Luciana Simões, membro da Banda Criolina e integrante da produção do Festival BR-135, que ocorre todos os anos na praça Nauro Machado. O objetivo da entrevista era analisar a percepção do produtor cultural sob o espaço e suas dinâmicas. A escolha pelos produtores do festival foi devido ao evento aparecer em muitas respostas do questionário apresentado no tópico anterior.

Há quanto tempo você produz eventos na Praia Grande e porque esse bairro?

A pergunta busca construir uma noção de quanto tempo o bairro recebe eventos e atividades culturais e entender a escolha do espaço.

Desde 2012 produzimos o Festival BR-135 no Centro Histórico, somos apaixonados pelo Centro Histórico, é a alma da cidade, convidar as pessoas para conhecer e ocupar com música, arte, alimenta a nossa esperança em ver as coisas mudando para melhor na cidade, contribuir para a transformação social, promover a convivência com todas as tribos, nos dá a impressão que estamos caminhando em direção a uma melhor visão de cidadania.

Qual a importância para você como produtora e como frequentadora da área que ocorra eventos de grande porte no bairro da Praia Grande?

A pergunta busca entender como os produtores enxergam o Centro Histórico e ocupação do seu espaço.

Acreditamos que o centro histórico precisa ser ocupado. Ocupamos com arte porque é nossa forma de comunicação com o mundo. Como músicos, artistas, é a nossa maneira de contribuir com a cidade. Ainda não vencemos o problema de abandono do centro histórico, precisamos de mais produções no local durante o ano inteiro para dizer que o centro de fato está ocupado com arte e cada vez mais distante da violência.

Porque você opta por produzir na Praça Nauro Machado e não em outros espaços do centro histórico? Quais os atrativos para essa localidade?

Como o objeto de estudo é a Praça busca-se entender da visão do produtor como é realizada a escolha desse espaço e a razão pela qual ele é escolhido para receber grandes eventos e parte dos eventos que ocorrem no centro de São Luís.

A Praça Nauro Machado é escolhida pela acessibilidade, fácil localização, é a maior praça no meio de um acervo arquitetônico do Centro Histórico. É um lugar festivo simbólico, que possui o nome de um poeta muito importante para a cidade e que habitava o centro histórico. É muito amor pelo espaço que na verdade é um território afetivo dos artistas.

Apliquei um questionário com frequentadores e trabalhadores da praça e do entorno, mais de 60% das pessoas falaram que acham muito bom que ocorra grandes

eventos na praça, mas que não há segurança. Alguma coisa por parte da produção do evento é feita em relação a isso?

A população respondeu em questionário que um dos maiores problemas da praça é a segurança, que é muito frágil. Da perspectiva do produtor, busca-se saber se existe preocupação quanto ao assunto e se existe alguma ação a respeito do assunto.

Durante o festival fazemos uma campanha de conscientização do público tentando amenizar a impressão de que a Praia Grande seja um território perigoso, existe um exagero e preconceito muito grande em relação a isso. Além disso, existe um diálogo com o poder público, secretaria de segurança, polícia militar, reuniões com os órgãos e com as pessoas do entorno envolvendo ambulantes, guardadores de carros, comerciantes. (Simões, 2019).

Como você ver a produção cultural no Centro Histórico?

Mesmo que em pequena escala, comparado a outros locais da cidade, o centro histórico recebe eventos de pequeno, médio e grande porte. A pergunta busca olhar a partir dos produtores, como é vista a produção cultural no centro histórico.

Acredito que o centro histórico seja um território afetivo ocupado pelos artistas há muito tempo. Um catalisador de todas as expressões artísticas, uma referência para a cultura pelo conjunto arquitetônico. Prédios são ocupados com teatros, museus, cinema, centros de criatividades etc.

Também no questionário foi apontado como melhoria para a área mais atividades culturais. Você acha que não há muito interesse em produzir atividades na Praia Grande? O que pensa a respeito?

Entender qual seria a explicação para o receio de produzir no Centro Histórico, mesmo sendo referência de cultura para a população.

Sim, percebemos que o centro antes era um território dos artistas passou a ser também um roteiro para a população que aprecia cultura, novos bares abriram, restaurantes, cafés, a

coisa só cresce para nossa sorte. “O contrário da insegurança não é a segurança: é a convivência.” Frase de Jorge Melguizo, ex-secretário de cultura de Medellín, Colômbia, por conta da transformação social, cultural e econômica. Atualmente Medellín é uma das cidades mais inovadoras do mundo. E os processos ajudaram a inserir estes locais no circuito turístico, gerando desenvolvimento econômico para estas áreas.

Como produtora cultural, que melhoras gostaria de ver na localidade?

Assim como os frequentadores assíduos, todos gostariam de ver melhoras, a questão foi feita, pensando no posicionamento de melhorias que trariam mais eventos para a praça e para o bairro.

Iluminação, internet gratuita, incentivo para que o comércio queira investir mais lá, manutenção, conservação dos prédios e ruas, gostaria que as pessoas tivessem linhas de crédito para moradia no centro histórico e que os casarões abandonados fossem disponibilizados para artistas ocuparem com projetos culturais e sociais, envolvendo a comunidade do desterro e entorno.

Da entrevista com a Luciana Simões, pode-se notar que existe interesse em ocupar mais intensivamente os espaços do centro histórico e torna-lo de fato um local para todos. A produção cultural da cidade não costuma olhar para o centro.

O centro de São Luís é olhado com preconceito por boa parte da população de São Luís e por quem realiza eventos na cidade, seja pelo público que o frequenta rotineiramente e pela localização, o centro é visto como perigoso e mal frequentado, utilizado para uso e vendas de drogas, e é um local ocupado por algumas minorias. O centro é muitas vezes visto como o lugar do ilegal e do imoral.

11 CONCLUSÃO

As praças ao longo do tempo possuíram muito prestígio, foram o local de alta sociabilidade da sociedade, local da interação. Percebe-se que a necessidade de um espaço para lazer ou para discussões políticas sempre foi presente na história, seja no fórum, ágora ou nos jardins.

Para se entender a importância das praças tanto na morfologia urbana e como na vida social foi necessário analisar a história das praças na história da cidade, como surgiram e a as suas funções sociais ao longo dos séculos.

Estudar as praças é realizar um estudo multidisciplinar, compreendendo desde a sua evolução estrutural, como também as suas funções, as quais, em sua maioria, dedicadas à vida social. De acordo com as transformações estruturais das praças, as funções costumam se adaptar e/ou mudar de acordo com as transformações físicas do espaço.

Tratou-se a existência dos espaços de usos coletivos desde antes do período colonial, onde a forma organizacional dos povos tradicionais já possuía espaços em que os usos eram coletivos, até se chegar à atual situação. Abordando a história da cidade, que iniciou na região do Centro, São Luís teve sua evolução de maneira rápida, sendo destaque econômico no Brasil Colonial. Em muito pouco tempo foram chegando à cidade muitos comerciantes que se instalaram em casas no estilo europeu, com traços arquitetônicos portugueses fortes e comumente encontrados até hoje no Centro Histórico de São Luís.

O Centro de São Luís é onde se concentra a maior parte da história da cidade, bem como o maior número de atividades turísticas da cidade. Mesmo com a “revitalização”, acredita-se que a região necessita ainda de reparos em sua estrutura, pois após anos ainda existem edificações em ruínas, carecendo também de mais incentivos às ocupações culturais.

Dentro desse processo realizado no Centro, houve a inserção de novos espaços para usos coletivos, como as praças, que são o foco deste trabalho. As praças são elementos importantes da morfologia das cidades.

De acordo com os resultados do trabalho, foi possível entender as dinâmicas do espaço e a importância da valorização do espaço público para a vida da sociedade.

A área onde se encontra a praça Nauro Machado possuiu durante muito tempo uso econômico. As transformações espaciais deram novas funções e um novo público. A praça hoje é frequentada por jovens universitários que vão a praça devido a acessibilidade e a

popularidade. É frequentada por minorias como os lgbtq+ que veem na praça um espaço onde podem ter a sua liberdade.

As atividades culturais realizadas na praça são principalmente de iniciativa pública, sendo em maioria atividades nas maiores datas festivas do ano como o carnaval e São João. Fora dessas datas as atividades de iniciativa pública são muito poucas. Nota-se nas pesquisas que as atividades de iniciativa privada em sua maioria são voltadas para música e para o teatro.

Durante a coleta de dados os entrevistados afirmaram que a praça deveria ter mais segurança e mais atividades culturais. Apesar de ter um posto policial na praça as ações da polícia precisam ser revistas e modificadas. Segurança, diversidade de público e de atividades são itens que demonstram a boa qualidade de um espaço público e que ele está cumprindo seu papel de ser um espaço para todos.

A praça Nauro Machado é um exemplo de espaço aberto de uso coletivo onde é possível presenciar a realização de atividades culturais que atraem público diversificado, de ações do poder público, coletivos e da população em geral.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉS, L. P. **São Luís - Reabilitação do Centro Histórico - Patrimônio da Humanidade**. São Luís: IPHAN, 2012.
- ANDRÉS, L. P. **A Fundação de São Luís do Maranhão e o Projeto Urbanístico do Engenheiro Militar Francisco Frias de Mesquita**. Da Cultura, p. 41-50, 2014
- ARTIGOS DE APOIO INFOPÉDIA. **Companhia Geral do Grão-Pará e do Maranhão**. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$companhia-geral-do-grao-para-e-do-maranha.](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$companhia-geral-do-grao-para-e-do-maranha.)>. Acesso em 15 de Jun 2019.
- BENATTI, C. **A Geografia Cultural: das concepções clássicas às novas tendências e dinâmicas na contemporaneidade**. Geosaberes, p.2-11, 2016.
- BEZERRA, A. C. **Festa e Cidade: entrelaçamentos e proximidades**. Espaço e cultura , p.7-18, 2008.
- BURGOS, R. **Espaços públicos e o direito à cidade: contribuições teórico-conceituais a partir de estudos sobre o uso de parques urbanos em contextos de segregação espacial nas cidades de são paulo e sorocaba**. Cidades, p.105-140, 2015.
- CALDEIRA, J. M. **A Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade**. Campinas, 2007.
- CALDERÓN, J. E. **Os espaços livres públicos e o contexto local: o caso da praça principal de Pitalito - Huila - Colômbia** . Dissertação de mestrado. Brasília, 2009.
- DARODA, R. F. **As Novas Tecnologias e o Espaço Público da Cidade Contemporânea**. Porto Alegre, 2012.
- DE OLIVEIRA, Alini Nunes, M. D. **As múltiplas funções das festas no espaço geográfico**. Interações, p.81-92, 2012.
- DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos, G. D. **Praças: história, usos e funções**. Maringá: Eduem, 2005.
- DE CASTRO, Iná Elias, P. C. **Olhares Geográficos - Modo de ver e viver no espaço**. Bertrand, 2012.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS.
BARROCO. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo64/barroco>>.
 Acesso em: 19 de Maio 2019.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS.
RENASCIMENTO. Disponível
 em:<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3637/renascimento>>. Acesso em: 19 de Maio
 2019.

GODOY, Elenilton Vieira, V. D. **Um olhar sobre a cultura**. Educação em Revista, p.15-41,
 2014.

GOMES, M. A. **De largo a jardim: Praças Públicas no Brasil - Algumas Aproximações**.
 Estudos Geográficos: Rio Claro, p.101-120, 2007.

GOMES, P. C. Espaços Públicos: Um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço.
 In: _____ DE CASTRO, Iná Elias. **Olhares Geográficos – modo de ver e viver no espaço**.
 2012.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

IPHAN. Disponível em: <Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso em:
 23 de Nov. 2018.

JAYME, Juliana Gonzaga, E. T. **Intervenções urbanas, usos e ocupações de espaços na
 região central de Belo Horizonte**. Civitas, p.359-377, 2012.

LACROIX, M. D. **A criação de um mito**. Outros tempos, p.54-80, 2005.

LEITE, R. P. Localizando o espaço público: gentrification e cultura urbana. **Revista Crítica
 de Ciências Sociais**, p.35-54, 2008.

NARCISO, C. A. Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceitos e
 procedências. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, p.265-291, 2009.

PAES, M. T. D. Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da
 paisagem urbana na renovação das cidades. **Geousp – Espaço e Tempo (Online)**, v. 21, n. 3,
 p.667-684, dez. 2017.

PINTO, R. I. **A Praça na História da Cidade**: o caso da praça da Sé - Suas Faces durante (1933/1999) . Salvador, 2003.

QUEIROZ, T. A. **Espaço geográfico, território usado e lugar**: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. Para Onde!?, p.154-161, 2014.

REDE DE ARQUIVOS IPHAN. **IPHAN**. Disponível em: <
<http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/>>. Acesso em: 19 de Dez. 2018.

SANTOS, M. **Metamorfoses Do Espaço Habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SERPA, A. **Microterritórios e segregação no espaço público da cidade**. Cidades, 61-75, 2013.

SIMÕES, L. Produção cultural na Praça Nauro Machado. (A. Oliveira, Entrevistador). Acesso em: 17 de Jun. 2019.

SOUZA, H. R. **Espaço cultural, espaço público**: estudo sobre as políticas culturais brasileiras e as relações de poder nos espaços Lagoa do Nado, Centro Cultural UFMG e Palácio das Artes. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMG. Minas Gerais, 2012.

SOUZA, M. F. **A festa e a cidade**: experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

VASCONCELOS, P. D. A Cidade, O Urbano, O Lugar. **Revista GEOUSP**, p.11-15, 1999.